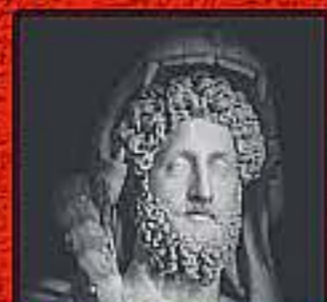




TROIA



HÉRCULES



AQUILES



ODISSEU



ÍCARO



GABRIEL CALLARI



MITOLOGIA e Autoconhecimento

O significado
dos arquétipos



O entendimento do **pensamento humano** existente nos contos mitológicos

Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

MITOLOGIA

Autoconhecimento



Gabriel Callari





Rua Padre Agostinho Poncet, 135 - Mandaqui
CEP: 02408-040 - São Paulo - SP
www.discoverypublicacoes.com.br

Diretores
Fábio Kataoka
Nilson Festa

Administração Geral
Andreza de Oliveira Pereira
andreza@discovery.com.br

Produção Editorial
Robson Oliveira

Coodenação Editorial
Carlos Kataoka

Direção de Arte
Eduardo Nojiri

Autor
Gabriel Callari

Atendimento ao Cliente
atendimento@discoverypublicações.com.br
011-2977-5878

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, seja por meio eletrônico ou impresso, inclusive fotocópias sem prévia autorização e consentimento da editora.

Ilustrações: shutterstock.com.br

Índice

4 Sobre a Mitologia e o Autoconhecimento

9 Admeto, o rei da Tessalia

13 Zéfiro e Clóris, o poder do amor

17 Éaco, aceitação, tranquilidade e recomeço

21 Penélope

25 A Guerra de Troia

41 A queda do império troiano

49 O retorno de Odisseu

59 Ajax Menor e a justiça dos deuses



63 O Minotauro

67 O crescimento e a educação do guerreiro Aquiles

71 Ícaro - Asas pela liberdade

75 Atena e Aracne, a melhor artesã

77 Hércules enfrenta Aporia

79 Hebe, a deusa da juventude



APRESENTAÇÃO



**SOBRE A MITOLOGIA E O
AUTOCONHECIMENTO**





É de senso comum que o conjunto de histórias, contos e fantasias que chamamos genericamente de “Mitologia” possui um contexto muito mais rico e carregado de informações a serem ainda compreendidas, analisadas e desvendadas sobre os povos que existiam na época em que foram escritas.

Nos mitos que serão apresentados mais adiante, será possível entender o que os tornam tão atemporais: exatamente o fato de possuírem como pano de fundo, os sentimentos e os questionamentos existentes até hoje. Alguns ainda são tabus, outros nem tanto. Mas o que os preenchem de tanta riqueza são as lições que podem ser aprendidas com eles e a forma como eles foram adotados a ponto de servirem de exemplo para tantos povos e caírem nas graças das pessoas até a atualidade.

Durante a Guerra de Troia e nas histórias que a sucedem, acompanharemos a luta pela sobrevivência do jovem Odisseu, com um grande destaque para sua inteligência emocional, aspecto pessoal que o faz sobressair dentre os demais guerreiros e garante inúmeras vitórias para si e para seu povo.

O professor de psicologia de Harvard, Howard Gardner, em seu livro *Estruturas da mente: a teoria das múltiplas inteligências* alega que os seres humanos possuem ao todo, uma combinação de sete espécies diferentes de inteligências e é por meio delas que nos comunicamos com o resto do mundo e buscamos nossa realização pessoal.

Por meio da Inteligência Linguística, as pessoas possuem maior facilidade de persuasão, contação de histórias e uso do humor. É muito comum em profissionais como políticos, escritores, jornalistas e advogados. Através da Inteligência Lógico-Matemática as pessoas possuem maior facilidade de analisar assuntos cientificamente, detectar padrões e pensar logicamente. Esse campo tem como destaque, cientistas, matemáticos, pesquisadores e engenheiros. Pessoas com Inteligência Musical pensam em termos de sons e ritmos, comumente visto em músicos, cantores, DJ’s e compositores.

Pessoas que geralmente utilizam muita linguagem corporal, mímica e atuação, como atores, malabaristas ou profissionais que exigem muita coordenação motora no dia a dia, como bombeiros,





geralmente possuem a Inteligência Corporal Cinestésica. No caso da Inteligência Visual-Espacial, é mais conectada a pessoas que sabem o rumo que as coisas devem tomar, seu lugar no tempo-espço. Profissionais do design, escultores, navegadores e engenheiros podem possuir essa inteligência apurada. Assim como a Inteligência Interpessoal é mais apurada em executivos de marketing, figuras públicas e educadores devido à capacidade de entender as motivações e os desejos de outras pessoas. E por último, a Inteligência Intrapessoal usa o autoentendimento para comandar melhor nossas vidas, entendendo melhor nossos sentimentos e nossos impulsores. Muito comum em escritores e filósofos.

Sobre sua pesquisa a respeito do intelecto humano, Gardner alertava:

“Apenas se expandirmos e reformularmos nossa visão do que é considerado intelecto humano, nós seremos capazes de

Sobre sua pesquisa a respeito do intelecto humano,

Gardner alertava:

“Apenas se expandirmos e reformularmos nossa visão do que é considerado intelecto humano, nós seremos capazes de desenvolver maneiras apropriadas de avaliá-lo e jeitos mais efetivos de educá-lo.”

desenvolver maneiras apropriadas de avaliá-lo e jeitos mais efetivos de educá-lo.”

Devemos levar em consideração que as pessoas devem, na verdade, descobrir as coisas em que são realmente boas e viver suas vidas em torno desse conhecimento, o que nunca as impedirá de buscar novos conhecimentos, ou mesmo, de se tornarem boas em novas coisas. Portanto, antes de ser duro consigo mesmo, pense nos

seus pontos fortes para conseguir, posteriormente, trabalhar os seus pontos, digamos, não tão fortes.

A Mitologia também faz parte de um conjunto de percepções, não só de seus autores, mas de todos os leitores conhecedores delas. O filósofo alemão Immanuel Kant classificou as percepções como retratos que expressam sobre o artista e sobre o objeto. Nosso cérebro criaria uma interpretação própria da realidade tão boa que nem perceberíamos que é somente uma interpretação. Assim como, o psicólogo Daniel Gilbert afirma que não nos





lembramos com exatidão dos fatos decorrentes da nossa vida, mas sim de fragmentos da experiência, inclusive de como nos sentíamos e nosso cérebro preenche as lacunas para fazer a memória parecer completa. Sobre o julgo da memória e a interpretação que fazemos do que os outros nos dizem, Gilbert diz:

“Nós podemos estar errados sobre todo o tipo de coisa – o preço da soja, o tempo de vida dos ácaros, a história da flanela –, mas podemos estar errados sobre nossa própria experiência emocional?”

Todos esses aspectos aqui citados não estavam em pauta na época do desenvolvimento das mitologias, mas estavam, de certa forma, na cabeça das

pessoas que formavam aquele povo, cuja cultura possuía muitos tabus a serem quebrados. Assim, a Mitologia surgiu como meio de comunicação entre os povos, abordando esses assuntos “proibidos” e aos poucos foi ganhando espaço e migrando para novos povos, até chegar aqui no ocidente.

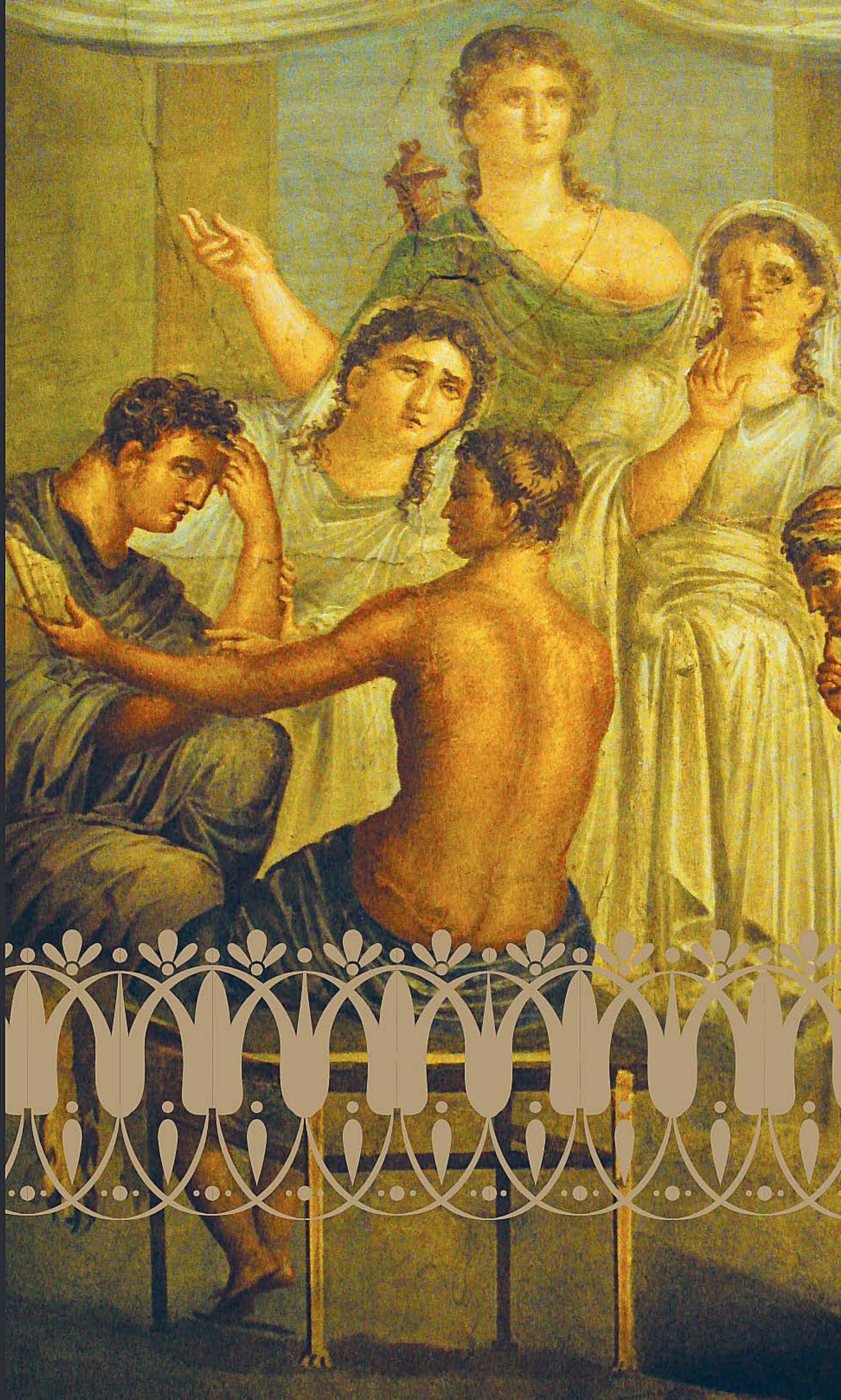
Mas no final das contas, por trás de isso tudo, encontramos apenas mais uma forma de voltarmos ao caminho que trilhamos em nossa busca por autoidentidade, chamado pelo psicanalista Carl Jung de “individualização” e pelo criador da Pirâmide das Necessidades Básicas, Abraham Maslow, de “autorrealização”, mas que se resume à nossa busca pela aquisição de nossa autenticidade. Podemos nos definir em cada momento ou, ainda, podemos ceder às pressões externas e nos enquadrar às ideias de senso comum. A Mitologia, enfim, nos ajuda a perceber que os problemas que parecem ser exclusivamente nossos, têm na verdade, acontecido a milhões de outras pessoas durante todos esses anos em que povoamos o planeta que de fato podem ter conexão apenas com nosso momento de vida, mas não com nossa vida como um todo, exatamente por esse motivo que destaco a importância de termos maior consciência dos estágios da nossa vida.

Sobre sua pesquisa a respeito do intelecto humano,

Gardner alertava:

“Apenas se expandirmos e reformularmos nossa visão do que é considerado intelecto humano, nós seremos capazes de desenvolver maneiras apropriadas de avaliá-lo e jeitos mais efetivos de educá-lo.”







ADMETO, O REI DA TESSÁLIA

A antiga região da Tessália era governada por um jovem e caridoso rei, Admeto, que era conhecido por tratar bem todos os seus súditos e empregados e foi exatamente por esse motivo que ele não enfrentou problemas quando o deus Apolo se infiltrou entre seus servos buscando uma análise crítica de seu reinado. Aliás, o desfecho dessa experiência foi exatamente o oposto do que muitos esperaram., Apolo se mostrou impressionado com o carinho e compaixão de Admeto e resolveu recompensá-lo tornando-se seu protetor.

Ajudou-lhe a desposar a jovem princesa Alceste, que era cobiçada por diversos príncipes, e prometeu-lhe um presente sem igual. Quando a Morte chegasse para realizar a passagem de Admeto, ele lhe permitiria viver o mesmo tempo que já tivesse vivido até aquele momento.

Os anos se passaram. Admeto e Alceste tiveram dois lindos filhos que seguiam os mesmos passos do pai, sempre tratavam bem todos ao seu redor e o casamento com Alceste não podia ser mais feliz. No entanto, repentinamente Admeto adoeceu. Ninguém descobriu a cura para sua enfermidade. O rei, portanto, pressentindo que iria morrer, suplicou para o deus Apolo que cumprisse sua promessa.

Apolo confirmou que sua promessa seria mantida e que a Morte estava ciente do acordado. No entanto, exigia que outra pessoa fosse levada no lugar do rei. Todos julgaram que encontrar um candidato não seria difícil, afinal, Admeto era querido por todos. Mais uma vez o desfecho foi surpreendente. Absolutamente ninguém se ofereceu para morrer no lugar do rei. Nem mesmo seus pais, que já tinham





idade avançada ou outros súditos, também já idosos.

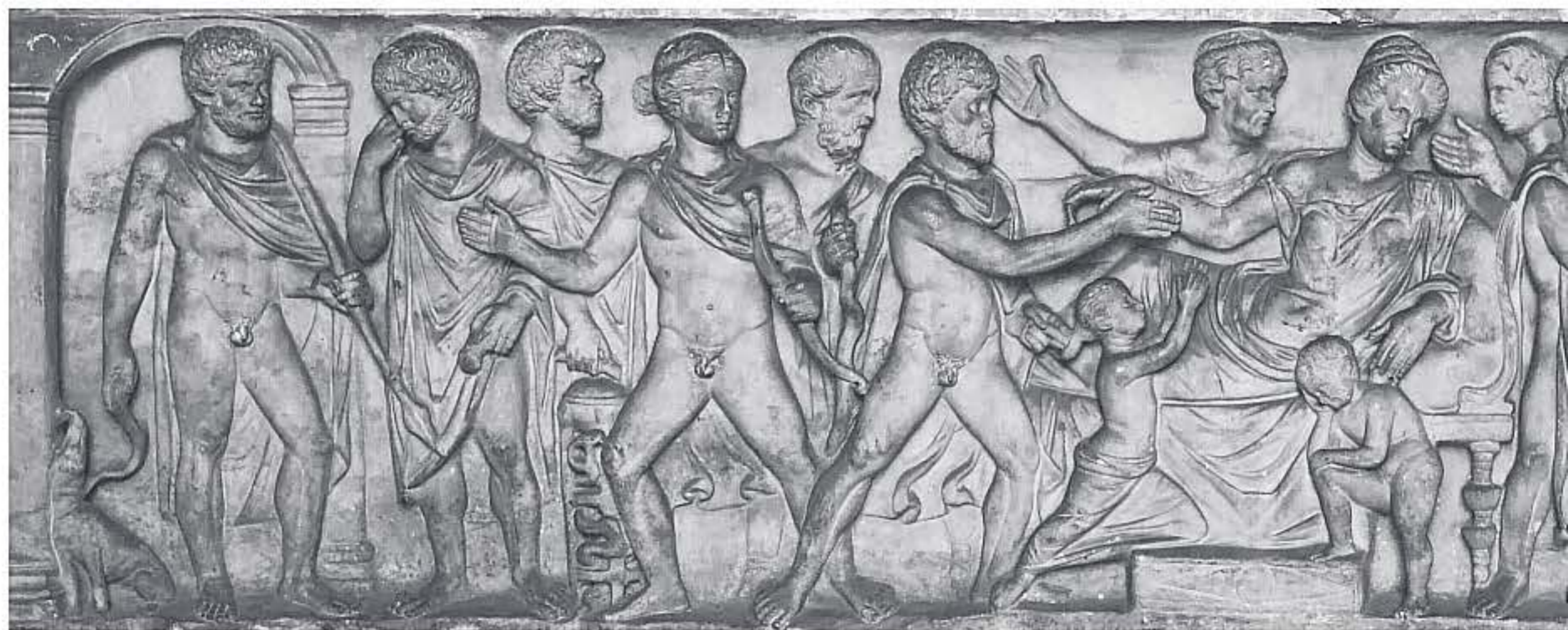
Não havia outra saída: Admeto já acreditava que morreria mesmo. Quando tudo parecia sem esperanças, sua esposa Alceste se ofereceu para ser levada no lugar do marido, e se justificou dizendo não ser possível continuar vivendo sem ele.

Admeto não podia acreditar no que estava acontecendo. Chorou muito, abraçado à sua esposa. Não dava mais para diferenciar de quem eram aquelas lágrimas que escorriam e molharam os lençóis da cama em que ele encontrava-se deitado, se elas eram da apaixonada Alceste ou do grato Admeto.

A despedida dos dois foi subitamente interrompida pela Morte, que sem muita cerimônia levou a rainha Alceste para o mundo dos mortos.

Admeto entrou em desespero e foi preenchido pela raiva. Quando seu pai foi ao seu quarto lhe dar os pêsames Admeto o acusou de ser insensível e extremamente egoísta. Seu pai retrucou, dizendo-lhe que a vida é muito preciosa para que ele fosse embora antes de sua hora real e chamou Admeto de covarde e egoísta por permitir que sua esposa morresse em seu lugar.

Ao saber da história do rei Admeto, o invencível Hércules se compadeceu e enfrentou a Morte, trazendo a rainha Alceste de volta para os braços do marido, que se mostrou grato e extremamente radiante pelo retorno de sua amada. No entanto, mais uma vez o desfecho esperado não se concluiu. Ao reencontrar o esposo, a rainha não emitiu absolutamente nenhum som. Não se sabe se ela estava em ressentida pelo marido tê-la permitido morrer em seu lugar ou se ela estava em





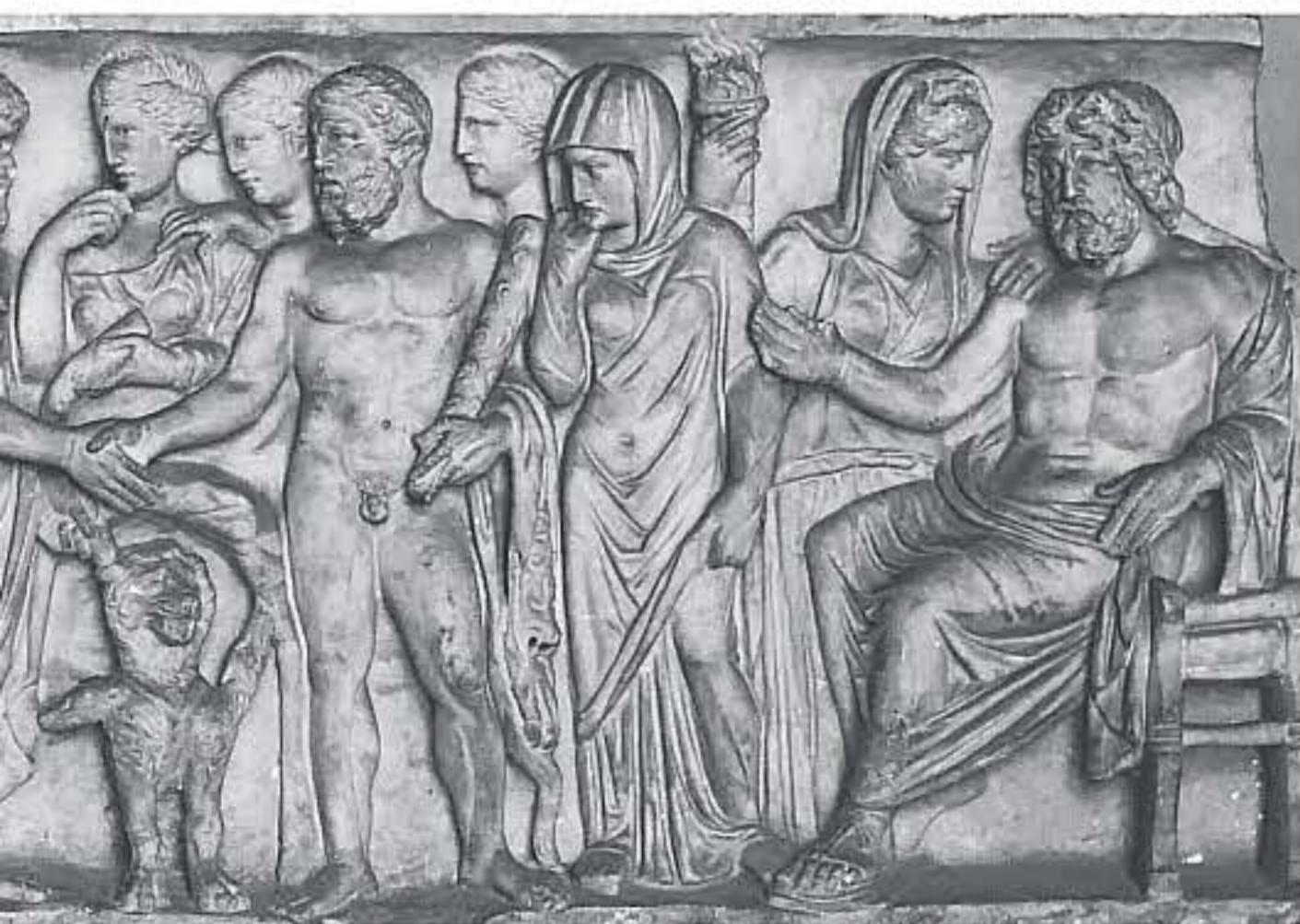
choque com tudo o que tinha presenciado no mundo dos mortos.

Quanto mais evitamos sofrer, mais sofremos. Querer “enganar” a Morte, ou mesmo achar que ver alguém se sacrificar em nosso lugar vai nos fazer sofrer menos, é um puro engano. O máximo que podemos conseguir é apenas mudar o princípio de nosso sofrimento, ou seja, a causa dele. Mas ele continuará existindo.

No livro *Evolução é uma opção*, o autor Alexandre Callari fala sobre o sofrimento:

“ [...] a tristeza e o sofrimento são coisas bem diferentes e enquanto o primeiro é comum e necessário à vida, o segundo é um sentimento terrível, que leva a pessoa a um estado irracional de angústia e neurose. Não há nada de positivo em sofrer e o indivíduo que defender essa proposição está, obviamente, com todos seus valores invertidos. [...] Para colocar um fim no sofrimento, é necessário entendê-lo.”

Superar o medo do sofrimento e aceitar as situações que a vida nos traz é definitivamente o primeiro passo para termos uma vida mais plena, sem tanto sofrimento, mas nunca sem tristeza. Não temos como evitar a tristeza, que é um sentimento normal, sofrimento, porém, remoer o acontecido e sofrer a ponto de sentir uma dor interna devido a algum acontecimento, isso, sim é opcional.



No livro *Evolução é uma opção*, o autor Alexandre Callari fala sobre o sofrimento:

“ (...) a tristeza e o sofrimento são coisas bem diferentes e enquanto o primeiro é comum e necessário à vida, o segundo é um sentimento terrível, que leva a pessoa a um estado irracional de angústia e neurose. Não há nada de positivo em sofrer e o indivíduo que defender essa proposição está, obviamente, com todos seus valores invertidos. (...) Para colocar um fim no sofrimento, é necessário entendê-lo.”





ZÉFIRO E CLÓRIS, O PODER DO AMOR

Zéfiro era o vento do Oeste, conhecido por sua violência devastadora, sua impiedade e fúria. O vento que possuía era um sopro feroz a ponto de naufragar navios, devastar plantações e causar todo o tipo de danos aos homens da época.

Clóris era o reflexo da beleza das flores, a soberana da primavera, era quem espalhava beleza e delicadeza às florestas e cidades. Cuidava carinhosamente de cada flor, dando-lhe perfumes incríveis e cores extasiantes.

Quando Zéfiro finalmente conheceu Clóris apaixonou-se instantaneamente. No entanto, Clóris quase sentia repulsa pelo jovem, devido sua violência que destruía toda sua obra, arrancando impiedosamente suas flores.

Mas o amor de Zéfiro por Clóris era sincero, puro, construtivo e gentil e, exatamente por isso, o vento do Oeste conseguiu transformar sua personalidade destrutiva e passou a ser um vento calmo, tranquilo e gentil, que ao soprar sobre as flores de Clóris facilitava o serviço dos insetos como as abelhas e borboletas. Logo os jardins de Clóris estavam repletos de vida e a mudança de Zéfiro foi percebida por todos, inclusive por Clóris, que aceitou casar-se com ele, tendo como fruto dessa relação um filho de nome Carpo.





O mito por trás da história de Zéfiro e Clóris demonstra como o amor pode influenciar as pessoas. O amor nos apresenta uma nova perspectiva sobre a vida e nos abre o horizonte, nos permitindo ver além, faz-nos sorrir sem motivo aparente e nos faz ser mais gentis com nossos semelhantes.

O amor nos apresenta uma nova perspectiva sobre a vida e nos abre o horizonte, nos permitindo ver além.

Evoluiu sua personalidade e conseguiu uma vida feliz e realizada com Clóris e seu filho Carpo.

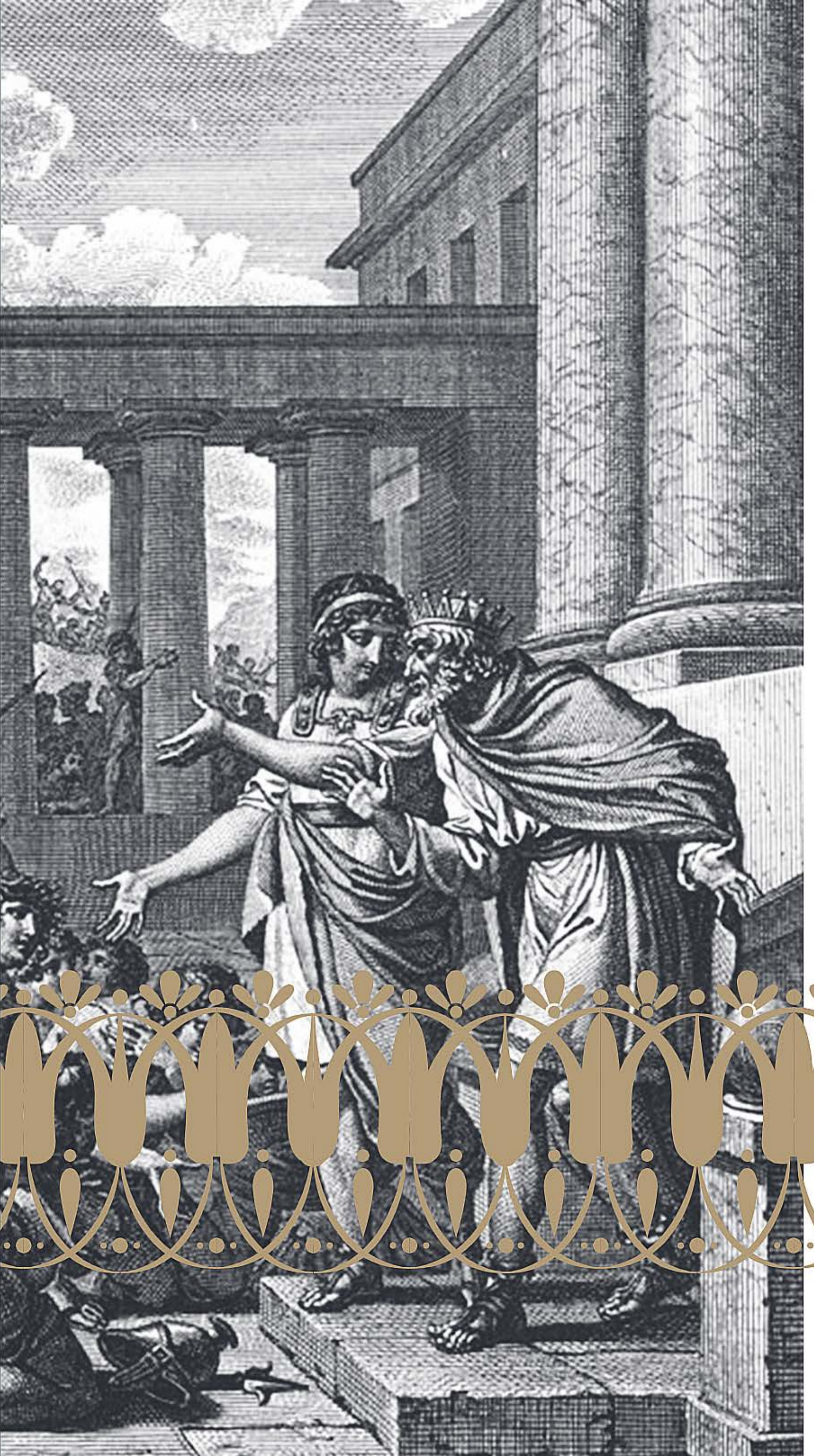
Mas Zéfiro definitivamente sabia que seu temperamento tempestuoso afastava qualquer um que quisesse se aproximar dele somente quando encontrou alguém que realmente quisesse perto, optou pela transformação.



Às vezes, quando encontramos pessoas destrutivas, agressivas e sem rumo certo que, atacam todos ao seu redor, mesmo com nossos mais sinceros esforços não obteremos sucesso em sua mudança.

Clóris em momento algum quis mudar a personalidade de Zéfiro; muito pelo contrário, afastou-o, deixou-o de lado, rejeitando-o. Mas ele, por outro lado, decidiu, por si só que a queria por perto e, que para tê-la ao seu lado deveria mudar suas atitudes e ser alguém melhor. Ou seja, não adianta quereremos mudar a personalidade das pessoas. Nós não temos esse poder, não somos donos dessas pessoas. Mas elas, sim, são donas delas mesmas e, portanto, somente elas poderão decidir quando e como mudar suas atitudes e tomarem as rédeas de suas vidas.







ÉACO, ACEITAÇÃO, TRANQUILIDADE E RECOMEÇO

Éaco era filho de Zeus e da ninfa Egina. Éaco era um dos filhos preferidos de Zeus, que certa vez quis torná-lo imortal, mas foi impedido pelas Parcas (o destino). Zeus tinha profundo orgulho do homem que seu filho havia se tornado, de como seu senso de justiça e como sua gentileza para com os demais era admirada por todos.

No entanto, quando Hera, a esposa de Zeus, descobriu a infidelidade do marido, enviou uma praga para a ilha em que Éaco vivia no intuito de acabar com toda a vida que lá existia: um sol escaldante que matou muitas pessoas e animais e tornou o solo infértil, além de secar os poços e deixar pouca água para os sobreviventes. Mas não satisfeita, Hera enviou serpentes para envenenar a pouca água que restara e, assim, eliminar os poucos sobreviventes.

Éaco então implorou pela ajuda de seu pai. Zeus imediatamente lançou seus raios sobre o céu da ilha e garantiu chuva suficiente para tratar o solo até então infértil e para encher os rios e lagos que cortavam a ilha. Zeus ofereceu a seu filho que se mudasse da ilha. Mas o gentil Éaco disse-lhe que reconstruiria tudo, começaria do zero e daria ainda mais orgulho a seu pai. E assim o fez.

Semeou a terra e cuidou das plantações com muito carinho e disciplina. Logo a ilha já estava repleta de árvores e frutos novamente. Certo dia, sentado sob uma dessas árvores, protegido do sol, observou uma sequência de formigas subindo no tronco da árvore e desejou do fundo do coração poder povoar a ilha novamente. Seu desejo foi atendido. A ilha foi atingida por um estrondo que derrubou as formigas no chão e, para a surpresa do gentil Éaco, as formigas começaram a crescer diante de seus olhos e a adquirir forma humana. O povo nascido das formigas foi chamado de Mirmidões e trataram Éaco como seu líder, seu rei e, assim, repovoaram a ilha, satisfazendo plenamente seu rei.

Mais tarde Éaco casou-se com Endeis e foi pai de dois

Mas não satisfeita, Hera enviou serpentes para envenenar a pouca água que restara e, assim, eliminar os poucos sobreviventes.



filhos, Peleu e Telamon. Fora do casamento com Endeis, Éaco teve um filho com Psâmata, chamado Foco.

Posteriormente Foco seria assassinado por Peleu e Telamon, que teriam ciúmes de sua relação com Éaco. Seu pai exilou-os após descobrir o crime.

O mito de Éaco fala sobre recomeço, adversidades e como a vida não segue uma linha reta, mas, sim, vários caminhos, cheios de curvas e percalços.

Recomeçar do zero após termos vivido uma vida com conforto e segurança não é fácil e requer muita criatividade, bom humor e força de vontade. Se lembrarmos que dessa vida não levaremos nada e que devemos aproveitar o que temos, enquanto temos, aceitar a realidade pode ser mais fácil.

As diversas personalidades existentes reagem de forma diferente

Se lembrarmos que dessa vida não levaremos nada e que devemos aproveitar o que temos, enquanto temos, aceitar a realidade pode ser mais fácil.

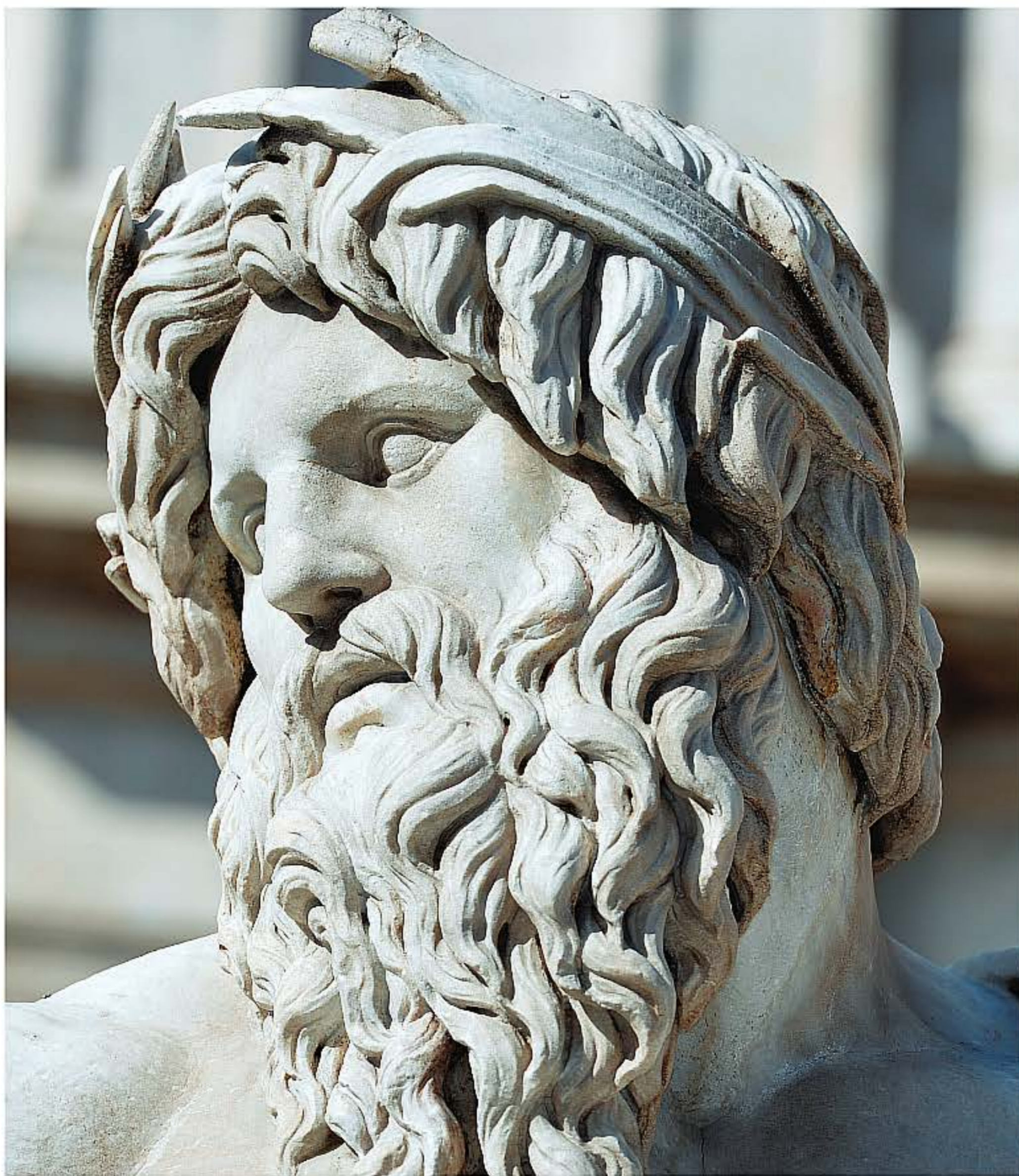
a situações como a de Éaco. Tem pessoas que conseguem manter as aparências mesmo quando o mundo está caindo ao seu redor. Em outro caso, há pessoas que têm medo de arriscar, são demasiadamente cautelosas e tendem a fracassar em momentos de incertezas.





O importante em casos de adversidades é não se envergonhar, erguer a cabeça e não pensar no problema em si, mas em formas de resolvê-lo. Não paralisando frente ao problema, mas convivendo com ele, analisando formas de melhor solucioná-lo tirando proveito da situação para, enfim, conseguir recomeçar. Já dizia o fundador da ciência moderna, Francis Bacon: “São péssimos descobridores aqueles que pensam que não existe terra porque só estão vendo o mar.”

“São péssimos descobridores aqueles que pensam que não existe terra porque só estão vendo o mar.” (Francis Bacon)







PENÉLOPE

O rei de Ítaca, Odisseu, venceu todos os pretendentes em jogos instituídos por seu futuro sogro e conseguiu a mão de Penélope em casamento.

O pai de Penélope, o príncipe espartano, Icário, não suportava a ideia de se separar da filha e suplicou que não fosse com Odisseu. O esposo deixou a critério de Penélope, que sem nem ao menos responder apenas abaixou o véu e seguiu seu caminho. No local aonde eles se separaram, seu pai ergueu uma estátua do Pudor.

Menos de um ano após o casório Odisseu e Penélope foram separados devido aos acontecimentos que o fizeram ir à Guerra de Troia. Durante sua ausência, Penélope recebeu inúmeros convites de casamentos. Negou todos. Com o tempo, a ausência de Odisseu foi ficando mais acentuada e os frequentes pedidos se tornaram cada vez mais insistentes.

Após tantas negativas, Penélope desenvolveu gradativamente sua criatividade para conseguir escapar das propostas na esperança que seu esposo retornasse, mas nada parecia suficiente, até que a esposa de Odisseu teve uma ideia inusitada. Disse estar focada em tecer uma tela para o dossel funerário de seu sogro, Laertes e, que quando terminasse escolheria um dos pretendentes.





Durante todo o dia Penélope trabalhava na obra e durante a noite desfazia o trabalho realizado. A famosa tela de Penélope se tornou uma expressão que se refere a qualquer coisa que está sempre sendo feita mas não terminam de fazer.

Durante todo o dia Penélope trabalhava na obra e durante a noite desfazia o trabalho realizado.

A doce Penélope nunca duvidou que seu esposo enfim regressaria, sempre manteve a esperança com ela, aquela mesma esperança que permaneceu na Caixa de Pandora, mito que já retratei em um lançamento anterior, *Mitologia e Autoconhecimento*. Portanto, munida de esperança, Penélope buscou artifícios para livrar-se dos inúmeros pedidos de casamento e manter-se focada na crença de que seu esposo voltaria pra casa.

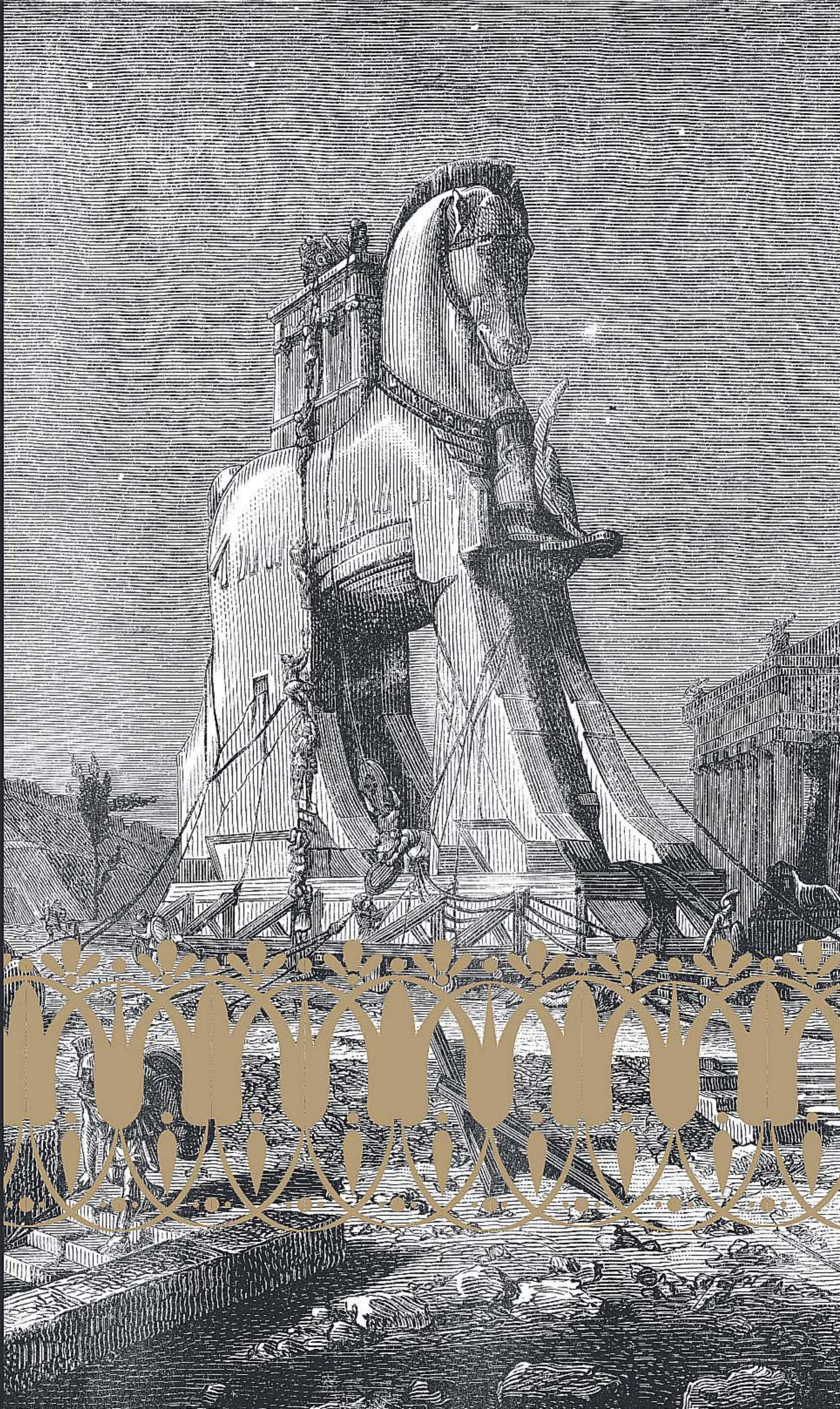




É difícil dizer se sua escolha foi a mais saudável pra si e para os demais ao seu redor. E se Odisseu nunca regressasse? Teria abdicado de uma vida plena ao lado de outro homem, provavelmente constituindo uma família e aproveitando o que a vida tem a oferecer? Será que a escolha certa foi mesmo a de permanecer em seu aguardo? Não nos cabe julgar, mas o que posso afirmar é que Penélope, em toda sua simplicidade, decidiu por si só fazer algo e não esperar que algo fosse feito. Ou seja, ela tomou as rédeas de sua vida, não ficou “em cima do muro” e decidiu, enfim, o que queria fazer e, assim, foi lá e fez, mesmo que esse ainda seja um retrato claro da mulher que fica em casa à espera incansável do homem, bem diferente da mulher moderna de hoje em dia. O mito de Penélope retrata a feminilidade da época, seu esconderijo da realidade por meio da tapeçaria, assim como sua esperança completamente transferida para os pontos e nós atados e posteriormente desatados e que no dia seguinte se tornavam outras figuras, outras imagens, outros pensamentos, mas sempre com o mesmo fundamento.

O mito de Penélope retrata a feminilidade da época, seu esconderijo da realidade por meio da tapeçaria, assim como sua esperança completamente transferida para os pontos e nós atados e posteriormente desatados e, que no dia seguinte se tornavam outras figuras, outras imagens, outros pensamentos, mas sempre com o mesmo fundamento.







A GUERRA DE TROIA

Essa história teve início durante o casamento do Rei da Etia, Peleu, com a ninfa do mar, Tétis, onde todos os deuses foram convidados para a cerimônia real, com exceção de Éris, a deusa da discórdia. Éris havia sido rejeitada por sua mãe, Hera, por ser considerada desprovida de beleza. A deusa então passou a morar na Via Láctea, com os Titãs.

A deusa, rejeitada, ficou extremamente irritada em não ser convidada, assim decidiu se vingar lançando entre os convidados um pomo de ouro com os dizeres “À mais bela”. Logo, a Rainha dos Deuses, Hera, a deusa do Amor e da Beleza, Afrodite, e a deusa da Sabedoria, Atena reclamaram o pomo ao mesmo tempo. Zeus não quis se envolver e decidir qual delas era a mais bela, então enviou-as ao Monte Ida para que falassem com o belo pastor Páris, filho do rei Príamo, de Troia. Buscando influenciar sua decisão, Hera lhe ofereceu poder e riqueza, assim como Atena lhe ofereceu fama na guerra e Afrodite lhe ofereceu o casamento com a mais bela das mulheres. Páris decidiu que o pomo deveria pertencer à Afrodite, tornando assim as outras duas deusas suas inimigas.

Afrodite protegeu Páris em suas viagens. Em uma delas, o belo pastor foi recebido muito bem pelo rei de Esparta, Menelau. Na verdade, Afrodite havia escolhido Helena, esposa de Menelau, como a mais bonita de seu sexo e deveria ser, portanto, esposa de Páris.

Helena era realmente uma bela moça. Teve inúmeros pretendentes antes de optar por Menelau. Odisseu foi um deles e, mesmo não tendo sido escolhido, assim como os outros, jurou que protegeria Helena pelo resto de sua vida.

Com a ajuda da deusa do Amor e da Beleza, Páris convenceu Helena a fugir com ele para Troia, desencadeando a famosa

A deusa, rejeitada, ficou extremamente irritada em não ser convidada, assim decidiu se vingar lançando entre os convidados um pomo de ouro com os dizeres “À mais bela”.



guerra, tão retratada nos poemas antigos de Homero e Virgílio. O rei de Troia e pai de Páris, Príamo manteve-o criado longe de Troia, na obscuridade, devido alguns presságios que diziam que Páris seria responsável pela ruína de Troia. Apesar de idade avançada, o rei era muito responsável e havia sido um príncipe muito forte e esclarecido que havia fortalecido seu estado. Seu principal guerreiro e apoio era seu filho Heitor, um líder nato e pai e esposo admirável. Seus principais aliados eram Sarpédon, filho de Zeus, Glauco, Eneias e Deífobo.

Menelau ficou desesperado com o sumiço de sua esposa e recorreu aos seus irmãos para que cumprissem suas promessas e o ajudassem a recuperar sua bela esposa. Todos cooperaram, com exceção de Odisseu, que havia se casado recentemente com Penélope e vivia feliz com ela e com seu filho.

Menelau enviou Palamedes às terras de Odisseu para recrutá-lo. Chegando lá, Palamedes encontrou Odisseu agindo como louco, arando sal em suas terras na companhia de um touro e de um burro. Não acreditando na veracidade da cena, Palamedes colocou Telêmaco, filho de Odisseu na frente do arado, o que levou Odisseu a desviar da criança para não matá-lo, sendo, portanto, desmascarado e obrigado a se juntar à tropa rumo a Troia.

Odisseu ajudou Menelau a convencer outros relutantes líderes a aderirem à guerra. Um deles foi Aquiles, filho da ninfa do mar, Tétis, aquela cujo casamento teve o pomo atirado entre os deuses. A ninfa sabia que o destino de seu filho era morrer nessa guerra e o enviou para a corte do rei Licomedes, da ilha de Esquiro, onde permaneceu escondido entre as filhas do rei, vestido de mulher. Inclusive, durante esse período Aquiles engravidou Deidamia, uma das filhas do rei. No entanto, o disfarce não foi o bastante para manter Odisseu longe e, tendo encontrado Aquiles, levou-o para juntar-se aos companheiros de batalha.

Os presságios envolvendo Páris pareciam prestes a se tornar realidade; Troia realmente parecia que seria destruída pelo gregos, afinal, eles possuíam o maior armamento que se tinha notícia e estavam dispostos a tudo para recuperar a bela Helena. O comandante-chefe era Agamênon, rei de Micenas e irmão de Menelau, o principal guerreiro era Aquiles, seguido



por Ajax (o grande), Diomedes, Odisseu e Nestor, o conselheiro.

Após dois anos de preparativos, o exército grego se reuniu no porto de Áulis na Beócia. Foi naquela região que Agamênon caçou um veado, sagrado para Ártemis, deusa da caça e irmã gêmea de Apolo. Como castigo, Ártemis assolou o exército com a peste e mudou o rumo dos mares, impedindo assim, que os navios deixassem o porto.

Após inúmeras tentativas, os guerreiros consultaram o adivinho Cauchas, que informou que sua ira somente seria dissipada se uma jovem virgem fosse oferecida em sacrifício. Informou ainda que essa jovem virgem necessariamente tinha que ser a filha de quem tivesse ofendido a virgem deusa da caça.

Agamênon concordou após muita relutância e sua filha Ifigênia foi, portanto, oferecida como sacrifício. Ártemis não permitiu que concluíssem o ritual e arrebatou a jovem virgem de lá, deixando em seu lugar uma simples vitela. Ártemis transformou Ifigênia em sacerdotisa de seu templo.

Tão logo a vitela apareceu, os ventos começaram a soprar e os navios puderam zarpar rumo à guerra.

Um oráculo havia profetizado que o primeiro grego que pisasse em terras troianas seria também o primeiro a morrer, mas que a guerra teria como vitorioso o estado que tivesse sua primeira baixa. Ao atracar na costa de Troia, Odisseu colocou seus pés sobre o escudo nas areias da costa, mas o guerreiro

Um oráculo havia profetizado que o primeiro grego que pisasse em terras troianas seria também, o primeiro a morrer, mas que a guerra teria como vitorioso o estado que tivesse sua primeira baixa

Protetislau pisou com os próprios pés e, exatamente conforme previu o oráculo, foi derrotado pelo príncipe Heitor.

Protetislau havia se casado com Laodâmia pouco antes de encarar a jornada rumo a Troia. Ao saber de sua morte, a viúva implorou aos deuses que pudesse conversar com seu marido por pelo menos três horas. Seu pedido foi atendido e, ao término das três horas, quando o guerreiro teve que regressar ao mundo dos Mortos, a viúva colocou fim à sua própria vida.

A guerra continuou, dia a dia, sem um vitorioso, por nove anos. Ambos os lados estavam esgotados e já duvidavam da



importância de sua permanência na guerra. Muitos guerreiros haviam caído pelas mãos do inimigo, mas a história estava prestes a retomar seu rumo e é exatamente neste ponto que tem início o famoso poema e Homero, *A Ilíada*.

Nessa altura da guerra, os gregos já haviam conquistado diversas cidades vizinhas a Troia e, portanto, haviam aumentado o número de aliados, ao mesmo tempo em que haviam aumentado também o número de prisioneiros. Uma delas, de nome Criseida, era filha de Crises, sacerdote do deus Apolo. O pai da garota já havia apelado a Agamênon que libertasse sua filha, mas sem sucesso, mesmo estando com as provas do cargo que exercia. Foi então que o sacerdote implorou a Apolo que atacasse os gregos até que libertassem sua filha. Claro que o deus Sol atendeu ao pedido do sacerdote e mandou a peste para atacar os gregos. A partir desse momento foi criado um conselho para descobrir um meio de acalmar a ira do deus do Sol. Aquiles atribuiu os problemas a Agamênon que, mesmo enfurecido, concordou em libertar a garota, mas em troca pediu a Aquiles que lhe cedesse uma outra moça, Briseida, prima de Heitor e Páris, que acabou se apaixonando por Aquiles; o guerreiro, mesmo relutante, concordou em cedê-la a Agamênon; no entanto, decidiu que deixaria a guerra e voltaria pra casa e, assim, proclamou seu anúncio abertamente.

A Guerra de Troia era instigante aos deuses que, mesmo sabendo o que as profecias diziam, consideravam que se o acaso tivesse oportunidade poderia mudar o resultado final, assim como se os guerreiros os abandonassem. A Guerra de Troia dividiu as divindades. Havia os que torciam pelos gregos, como Hera e Atena, devido ao ressentimento delas com Páris por ter escolhido Afrodite como a mais bela; já Afrodite, obviamente, torcia pelos troianos e arrastou seu admirador Ares; já Poseidon era favorável aos gregos. Apolo permaneceu neutro, mas manifestou-se às vezes pendendo para um lado e às vezes pendendo para outro. Zeus, que era bastante afeiçoado ao rei Príamo demonstrou, contudo, imparcialidade, mas assim como Apolo, com algumas exceções.

A situação estava cada vez mais insustentável: então, Agamênon convocou um conselho para que pudessem decidir seu próximo passo. O sábio Nestor sugeriu que uma embaixada



fosse enviada atrás de Aquiles para convencê-lo a voltar e, como incentivo, Agamênon teria que devolver Briseida a Aquiles e enchê-la de presentes como um pedido de desculpas pelo ocorrido. O guerreiro concordou. Ajax, Odisseu e Fênix foram à procura de Aquiles para transmitir-lhe o recado. E assim o fizeram. Aquiles, no entanto, pareceu-lhes decidido a não retornar. No dia seguinte à mal sucedida embaixada, os troianos, com a ajuda de Zeus, atendendo a um pedido de Tétis - que estava inconformada com o que os gregos haviam feito a seu filho, Aquiles -, conseguiram passar pela barreira de navios e estavam quase incendiando todos quando Poseidon percebeu o que ocorria e apareceu em meio aos guerreiros, na forma do profeta Cauchas, e encorajou-os a ir em frente, não desistir e resistir frente ao que viam, forçando os troianos a recuar. Em certo ponto da batalha Ajax encontrou-se com Heitor e o desafiou. Heitor imediatamente atirou uma lança certa contra o enorme guerreiro. A lança o atingiu em cheio, mas em um ponto que estava protegido pela armadura e, portanto, nada fez. Ajax respondeu atacando uma pedra enorme, que atingiu Heitor no pescoço e feriu-o gravemente. Os soldados troianos resgataram seu líder e recuaram.

Zeus parou de acompanhar a batalha tomado de paixão ao ver sua esposa Hera insinuando-se para ele e deixou de ajudar os troianos. O que ele não sabia é que Hera usava um cinto que pegou com Atena. Esse cinto, de nome Cestus, potencializa os encantos de quem o porta, tornando-a irresistível. Enquanto





Zeus se divertia sob os encantos de Hera, com a paixão acesa, a todo vapor, em um momento do acaso, olhou para o lado, para baixo, e viu Heitor ferido e estirado no chão, quase sem vida. Enfurecido, afastou Hera e ordenou que Apolo e Íris descessem e cumprissem o que ele havia ordenado. Íris foi direto ao encontro de Poseidon mandando-lhe que se afastasse imediatamente da batalha e Apolo tratou as feridas de Heitor tão rapidamente que ele pôde retornar instantaneamente ao campo de batalha. Novamente a batalha começou a mudar de rumo. Páris atirou uma flecha certa em Machaon, filho de Asclépio, o deus da Medicina e da Cura, que tinha herdado os dons de seu pai e era, portanto, muito útil aos gregos. Nestor imediatamente recolheu o ferido guerreiro e o levou ao seu carro, retirando-se do campo de batalha em direção à sua tenda. Ao passar próximo aos navios de Aquiles, o guerreiro reconheceu o carro de Nestor e viu que havia alguém ferido nele, mas não pôde reconhecer quem. Aquiles enviou seu mais querido amigo, Pátroclo, à tenda do sábio Nestor para descobrir o que estava ocorrendo. O relacionamento entre Aquiles e Pátroclo é até os dias de hoje bastante controverso. Em algumas culturas dizem que eles eram apenas guerreiros e

O relacionamento entre Aquiles e Pátroclo é até os dias de hoje bastante controverso

companheiros de guerra, mas há fortes indícios de que eles viviam um relacionamento homoafetivo em que havia não somente sexo entre eles, mas também amor.

Chegando à tenda, Pátroclo viu que o guerreiro ferido era o curandeiro Machaon e, logo após revelar a Nestor o motivo de sua visita, quis retornar ao navio para contar a Aquiles, mas foi detido por Nestor. O sábio quis garantir que Pátroclo tivesse plena ciência dos últimos acontecimentos que assolaram o exército grego durante a ausência deles. Lembrou Pátroclo que ele tinha muita influência sobre o guerreiro Aquiles e, portanto, deveria velar sobre o amigo e guiá-lo em toda sua inexperiência, mas sempre em prol de uma causa em comum, maior do que todos eles. Nestor reforçou que se Pátroclo não conseguisse convencer o amigo de regressar deveria, ao menos, convencê-lo a permitir que sua tropa voltasse, e que Pátroclo deveria vestir sua armadura e voltar com a tropa.



O apelo de Nestor teve profundo efeito em Pátroclo, que mal voltou ao encontro do amigo e já começou a lhe contar tudo o que vira, ouvira e sentira. Contou que os amigos deles estavam acuados e que os navios poderiam ser incendiados a qualquer momento, o que impediria o regresso deles à Grécia. Tão logo Pátroclo terminava suas palavras o rosto deles foi iluminado pelas luzes das chamas de um dos navios gregos que havia sido atacado pelos guerreiros troianos.

Aquiles se sensibilizou com o que vira e ouvira e permitiu que Pátroclo regressasse com alguns de seus guerreiros, os Mirmidões, e ainda, permitiu que Pátroclo usasse sua armadura para causar pavor no exército inimigo. Quando eles

Tão logo Pátroclo terminava suas palavras o rosto deles foi iluminado pelas luzes das chamas de um dos navios gregos que havia sido atacado pelos guerreiros troianos.

estavam prontos para partir, Aquiles advertiu Pátroclo com um pedido. Pediu que eles se contentassem em apenas fazer com que os troianos recuassem, mas não batalhassem diretamente, pois ele não queria que seu infortúnio aumentasse. Ao ver os exércitos de Mirmidões chegando com ardor, os gregos ganharam mais fôlego para resistir à batalha enquanto os troianos tremiam de medo ao verem a armadura que liderava o grupo. Os troianos fugiam para todos os lados a ponto de permitir que os gregos reassumissem o controle do navio incendiado e ainda conseguissem conter as chamas que o tomavam.

Sarpédon, filho de Zeus, combateu Pátroclo frente a frente em uma luta emocionante, enquanto o próprio Zeus observava tudo e teria inclusive, tomado partido se não fosse a advertência de Hera de que, se ele se intrometesse, induziria os demais deuses a fazer o mesmo quando seus filhos estivessem em perigo. Neste caso, Zeus se viu sem opção e assistiu “de camarote” seu filho ser morto por Pátroclo. O rei dos deuses, no entanto, não permitiu que o corpo de Sarpédon fosse desonrado e pediu a Apolo que entregasse o corpo de seu filho

Neste caso, Zeus se viu sem opção e assistiu “de camarote” seu filho ser morto por Pátroclo.



aos irmãos dele, Morte e Sono, que o levaram de volta à sua terra natal para ter um enterro digno.

Mas o destino de Pátroclo também estava traçado. Em seguida ele enfrentaria Heitor, que estava em seu carro de guerra e atirava lanças em sua direção. O guerreiro grego desviou de todas e atirou uma pedra em direção a Heitor, mas acertou, na verdade, o cocheiro de Heitor, que foi arremessado para fora do carro. Preocupado com seu amigo, Heitor desceu do carro e foi socorrê-lo. Foi quando o embate com Pátroclo aconteceu. Segundo o poeta, Homero, autor da *Ilíada*, Apolo teria participado da batalha e retirado não só o elmo de Pátroclo, mas sua lança também. Assim, o guerreiro grego teria sido atingido nas costas por um troiano e, em seguida, sido perfurado pela lança mortal de Heitor. Mais uma vez, travou-se uma luta pelo corpo do guerreiro caído. Heitor retirou a armadura de Aquiles que Pátroclo vestia e colocou em si mesmo.

Zeus escureceu os céus, cobrindo com relâmpagos e trovões que cortavam as nuvens e cujo estrondo era tão forte que encobria os gritos dos guerreiros. Ajax olhava ao redor, procurava um bom mensageiro a ser enviado para contar o ocorrido a Aquiles, mas não enxergava nada, pois o céu estava escuro demais, e suplicou a Zeus que deixasse que os guerreiros morressem à luz do dia.

Zeus atendeu a súplica do guerreiro grego. Ajax imediatamente enviou Antíloquo ao encontro de Aquiles, para que ele tomasse conhecimento da morte do amigo e provável amante e da luta que travaram por seu corpo. Os gregos realmente recuperaram o corpo de Pátroclo, mas Heitor e os demais troianos os perseguiram como hienas famintas atrás da presa ferida e debilitada.

Das profundezas do oceano, Tétis ouviu os gritos e o choro

do filho Aquiles e imediatamente foi ao seu encontro. Chegando a seu navio, encontrou Aquiles no chão, gemendo de remorso, culpa e ódio, ao lado de Antíloquo. Ao questionar o que ocorrera com o filho, o grande guerreiro grego explicou à sua mãe que sua dor era pela morte de Pátroclo e que

Os gregos realmente recuperaram o corpo de Pátroclo, mas Heitor e os demais troianos os perseguiram como hienas famintas atrás da presa ferida e debilitada.



não via outra saída para aliviar sua dor senão através da vingança. Tétis o lembrou que estava sem armadura, e que dessa forma não duraria muito na guerra. Pediu que o filho aguardasse até o dia seguinte, quando ela retornaria com uma armadura ainda melhor do que a que ele tinha.

No dia seguinte, ao receber a armadura prometida por sua mãe, Aquiles nem imaginava o trabalho que tinha dado a Vulcano, mas o senhor das armaduras realmente havia se superado e feito uma armadura não só forte e poderosa, mas também muito bonita e intimidante, com um elmo com crista de ouro e com adornos executados à perfeição. Naquele momento Aquiles sentiu uma prazer enorme e encheu-se de esperança, correndo imediatamente em direção ao acampamento grego. Lá chegando, tratou de reunir os conselheiros, colocar suas diferenças com Agamênon de lado e se reconciliar com o guerreiro em prol de um objetivo maior.

Liderando os gregos, Aquiles avançou para o campo de batalha coberto de excitação e ira. Não deixou um só troiano em pé para contar história. A maioria dos troianos fugia dele, mas os que ousavam lhe enfrentar pereciam. Em meio a essa batalha Apolo novamente interferiu, assim como, posteriormente, Poseidon. Os deuses estavam excitadíssimos com a Guerra de Troia e muitas vezes não continham seus ânimos. Do alto da torre, o rei Príamo assistia seu exército recuar de medo do guerreiro Aquiles abrindo as portas de Troia para que seus guerreiros entrassem e fechando-as logo em seguida para manter os gregos fora do estado. Em uma das investidas, Apolo chegou a enfrenar Aquiles disfarçado como um dos filhos do rei Príamo, Agenor, mas seu disfarce foi logo descoberto pelo guerreiro grego.

Os deuses estavam excitadíssimos com a Guerra de Troia e muitas vezes não continham seus ânimos.

No entanto, nem todos os troianos adentraram os portões. Heitor permaneceu do lado de fora e, ignorando o chamado de seu pai Príamo e de sua mãe, Hécuba, refletiu sobre a Guerra e pensava ser hora de entregar Helena e até mesmo muitos tesouros de Troia. No entanto, chegou à conclusão que Aquiles o mataria antes mesmo que ele terminasse a primeira frase.

Ao avistar Heitor, Aquiles foi em sua direção com tamanha





imponência que Heitor foi tomado pelo medo e correu. O guerreiro grego foi em seu encalço e chegaram a dar algumas voltas na cidade. Quando Heitor ameaçava desistir, Apolo lhe dava mais forças, mas em um determinado momento, o guerreiro troiano foi enganado por Atena, que o convence, a enfrentar o guerreiro grego.

Heitor ofereceu um acordo a Aquiles em que o vencedor deveria respeitar o corpo do perdedor, permitindo-lhe um enterro

Aquiles enfurecido esbravejou que não há pacto possível entre presa e predador.

digno. Aquiles, enfurecido, esbravejou que não há pacto possível entre presa e predador. O duelo, assistido de perto pelos troianos aconteceu e Aquiles

feriu mortalmente Heitor na garganta. O príncipe cai no chão como se fosse um saco de batatas e, com muita dor e dificuldade, suplicou a Aquiles que deixe seu corpo receber as honras troianas. Aquiles lhe disse que sua carcaça não escapará da fome dos cães e Troia assistiu a morte de seu mais valente guerreiro. Aquiles então amarrou os pés de Heitor a seu carro e o arrastou de volta ao acampamento grego assistido pelos inconsoláveis rei e rainha de Troia.

A esposa de Heitor quase não sobreviveu à cena devastadora. Seus pais foram acolhidos pelos servos que assistiam sua dor sem nada poder fazer.

Aquiles retornou ao acampamento grego e junto dos demais guerreiros prestou as devidas honras fúnebres ao seu grande amigo Pátroclo. Após o evento os guerreiros adormeceram, à exceção de Aquiles, que não se conformava com a morte do amigo.

Quando o dia finalmente amanheceu, o guerreiro grego voltou ao seu carro e arrastou o corpo do guerreiro troiano por duas voltas na cova de seu amigo e lá o largou, estirado. Apolo tratou de garantir que o corpo não fosse dilacerado e nem entrasse em decomposição.

Zeus se compadeceu e pediu a Tétis que conversasse com Aquiles a fim de convencê-lo a devolver o corpo do príncipe troiano ao seu pai e, em seguida, enviou Íris ao rei Príamo para lhe pedir que procurasse Aquiles e obtivesse o corpo de seu filho. O rei atendeu imediatamente ao chamado e colocou suas vestes mais imponentes e reuniu muitos presentes revestidos



de ouro para entregar em troca do corpo de seu filho. Então, acompanhado de seu servo fiel e de mais idade, ao lamento dos demais troianos que tinham como certa a sua morte, deixou os portões de Troia rumo ao acampamento grego.

Zeus estava preocupado com o rei e enviou Hermes, disfarçado de jovem guerreiro, para guiar e proteger o rei até a tenda de Aquiles. Hermes colocou todos os guerreiros gregos para dormir e guiou o rei para dentro da tenda de Aquiles, onde o guerreiro se encontrava sentado e acompanhado de dois de seus guerreiros.

O velho rei se atirou aos pés de Aquiles, beijando a mão que tirou a vida não só de seu filho, mas de muitos de seus guerreiros, e implorou por compaixão, pedindo para Aquiles pensar em seu próprio pai e permitir que ele pudesse dar as honras fúnebres dignas de seu filho.

As palavras do rei comoveram Aquiles, que chorou, chorou não só a situação em si, mas chorou a ausência de seu pai e chorou ainda mais a morte do amigo. O guerreiro sentiu piedade do rei de barba e cabelos brancos e o ergueu, dizendo-lhe saber

que ele estava acompanhado dos deuses pois mortal algum teria tamanha coragem se não estivesse protegido e, como era vontade de Zeus, ele permitiria que Príamo levasse o corpo do filho de volta a Troia. Para que o corpo não chegasse descoberto, colocou uma linda túnica sobre

o cadáver do príncipe e, após combinar com o rei uma trégua de doze dias para os rituais fúnebres, pediu que ele retornasse a Troia.

Quando Príamo chegou à cidade o povo quase não acreditou no que via e, juntamente com a mãe e com a esposa de Heitor, chorou ao lado do corpo do grande guerreiro até o sol se pôr.

Em *O Livro de Ouro da Mitologia – História de Deuses e Heróis*, Thomas Bulfinch retrata as honras funerárias:

“Durante nove dias, o povo ajuntou lenha e ergueu a fogueira, e no décimo dia ali foi colocado o corpo e ateado fogo, enquanto Troia inteira rodeava a pira funerária. Quando

As palavras do rei comoveram Aquiles, que chorou, chorou não só a situação em si, mas chorou a ausência de seu pai e chorou ainda mais a morte do amigo.





o corpo se consumiu inteiramente, as cinzas foram regadas de vinho, os ossos recolhidos e colocados numa urna de ouro, que foi enterrada no chão, tendo por cima uma pilha de pedras.”

Bulfinch finaliza ainda, com versos de Homero, apresentados originalmente em inglês na versão de Alexander Pope:

*“Ao seu herói Troia rendeu tais honras
E tranquila dormiu de Heitor à sombra.”*

Bom, antes mesmo de chegarmos ao fim da Guerra de Troia, creio que já podemos observar muitos fatores pertinentes e interessantes nesta história. No início dela, pudemos acompanhar a celebração da união entre a ninfa do mar, Tétis e o rei Peleu. Os noivos convidaram todos os deuses, com exceção da deusa da discórdia, Éris, que, não se conformando em ser deixada de fora, incomodada com a situação, não tendo pleno controle de seus sentimentos e demonstrando muita mesquinha, plantou a discórdia enviando o tal pomo. Três lindas deusas com o ego maior do que elas mesmas quiseram o pomo destinado à mais bela.

Enfim, somente nesta parte podemos ver uma receita para o desastre. Em nossas vidas causamos inveja em outras pessoas apenas por não nos importarmos com elas e nos focarmos em nosso próprio sucesso, em nossas próprias vitórias e em nossa vida. Então, pessoas sem o que gosto de chamar de educação emocional, resolvem destinar uma parte de seu tempo a fim de arruinar nossas conquistas. Éris, era uma forma de explicar esse tipo de atitude perante a vida e tirar um pouco a culpa de quem agia dessa maneira.

Então, quando alguém poderia colocar um fim na disputa de egos entre as deusas, Zeus decidiu “tirar o seu da reta” e encaminhá-las para Páris. O até então pastor, ficou “entre a cruz e a espada” e por ser um mero mortal não tinha como recusar-se

Preciso ressaltar que as personagens mitológicas são, na verdade, representações dos arquétipos humanos.

a dar um parecer às deusas. Claro que aproveitou que Afrodite lhe ofereceu o amor da mulher mais bela e então tomou sua decisão. Vemos que constantemente as personagens tentam se dar bem, independente de como.



Preciso ressaltar que as personagens mitológicas são, na verdade, representações dos arquétipos humanos. O psicanalista suíço Carl Gustav Jung, pupilo de Sigmund Freud, disse que os arquétipos são camadas da memória herdada e constituem a totalidade da experiência humana. Em *O Livro da Psicologia* os autores definem a relação humana com a figura dos arquétipos da seguinte maneira:

“[...] cada ser humano possui dentro de si o modelo de cada um dos diversos arquétipos. E já que usamos esses modelos simbólicos para entender o mundo e nossas experiências, eles podem ser encontrados em qualquer forma de expressão, como arte, literatura e teatro. [...] Os arquétipos podem ser associados a espécies diferentes de padrões comportamentais e emocionais, mas alguns são mais célebres e facilmente reconhecíveis, como O Velho Sábio, A Deusa, A Madona, a Grande Mãe e O Herói.”

Os autores reforçam ainda, que um dos mais importantes arquétipos descritos por Jung é a *Persona*, que na verdade, nada mais é do que a *self* que mostramos ao mundo, já que, a exemplo de si mesmo, Jung percebeu que as pessoas dividem suas personalidades em componentes e apenas mostram alguns deles, conforme identificam o meio e a situação vivida naquele momento.

Ou seja, se considerarmos os seres mitológicos como arquétipos, logo podemos compreender o real motivo de suas emoções e ações serem tão “humanas”. Não podemos esquecer que tudo surgiu em uma época que antecede a Psicologia e a Psicanálise. As pessoas não falavam de seus sentimentos, não haviam profissionais capacitados para ajudá-las. Segundo Jung “É entendendo o inconsciente que nos livramos de seu domínio.”

Voltando à Guerra de Troia, com a ajuda de Afrodite, Páris conseguiu fugir com Helena e refugiar-se em Troia. Uma atitude que podemos chamar de inconsequente de Páris e Helena gerou uma guerra que durou dez anos e, além de acabar com a vida de muitos guerreiros, mudou a vida de todos os entes queridos que permaneceram em suas terras natais no aguardo de quem, talvez, nunca regressasse.

Segundo Jung “É entendendo o inconsciente que nos livramos de seu domínio.”





Em seguida, uma sucessão de obrigações de cumprimento de promessas, como no caso de Odisseu e de Aquiles, que não queriam ir à Guerra e, mesmo tentando escapar, acabaram por honrar suas promessas e juntar-se a uma equipe que sabiam que provavelmente não retornaria e, que nem imaginavam, permaneceriam longe de casa por dez anos.

Será que Menelau em momento algum pensou que Helena pudesse ter ido por vontade própria? Que ela poderia viver mais feliz com outro homem? Pois é, se hoje em dia muitos homens não aceitam uma separação, imagina naquela época, em que tudo era decidido na espada.

Vemos na história personagens teimosos, como Agamênon, que primeiramente caçou o veado e criou um grande problema com a deusa Ártemis, o que lhe gerou um custo alto, sua filha. Em seguida, causou o problema com o sacerdote de Apolo por não libertar a filha dele. Vemos homens que representam a honra como Aquiles, mas que quando perdeu seu amigo, desonrou o cadáver do inimigo. Quantas vezes será que já perdemos nossas melhores características quando nos vimos em situação de desespero como a de Aquiles?

E a situação do rei Príamo, que permitiu que a aventura inconsequente de Páris e de Helena lhe custasse não somente a vida de muitos guerreiros, como seu filho e braço direito, Heitor, como seu reino todo? A mitologia nos serve de lembrete das consequências de nossos atos e se sempre buscarmos fazer analogias com nossas vidas antes e depois de fatos ocorrerem, talvez nossas decisões possam ser mais assertivas e saudáveis para todos os envolvidos.

Uma das partes mais interessantes da Guerra com certeza é como os deuses “descem” de seus pedestais e se envolvem com a guerra dos humanos a ponto de participarem e mancomunarem diversas situações para conseguir o que acreditam ser o melhor, ser a sua verdade, mesmo com o parecer do oráculo de que Troia pereceria nas mãos dos gregos.

O psiquiatra alemão Fritz Perls, que foi um dos fundadores da Gestalt-terapia, dizia que nossa sensação pessoal da realidade é criada pela forma como enxergamos as nossas experiências, ou seja, pela nossa percepção dos acontecimentos,

Segundo Perls, a única verdade que alguém pode ter é a sua própria verdade pessoal. Ele dizia “Perca a cabeça e encontre suas razões.”



e não pelos reais acontecimentos em si. Para ele, comumente confundimos a nossa percepção sobre o mundo com a verdade absoluta, em vez de reconhecermos a importância do nosso ponto de vista e de sua influência no desenvolvimento de nossa perspectiva. Segundo Perls, a única verdade que alguém pode ter é a sua própria verdade pessoal. Ele dizia “Perca a cabeça e encontre suas razões”.

Durante a Guerra de Troia contamos também a história de Protetislau, o primeiro grego a morrer nas mãos dos troianos. O suicídio de sua esposa Laodâmia também é algo marcante na mitologia em geral. Em diversos casos vemos que os companheiros e as companheiras preferem colocar um fim à sua própria vida do que viver sem a pessoa amada. O que alguns teriam como algo bonito, admirável e romântico também pode ser visto como infantil, despreparado e egocêntrico. Viver uma vida plena e com capítulos que se abrem e se fecham durante ela é a forma mais saudável de viver e deixar nossa marquinha em nosso planeta e na vida das outras pessoas. O desespero e a vontade de morrer são apenas um meio de acabar com a dor. Dor essa que segundo a mitologia na verdade não passava, ainda mais se imaginarmos que muitas personagens, depois de mortas, viviam nas profundezas do Mundo Inferior governado por Hades.







A QUEDA DO IMPÉRIO TROIANO

Troia não foi derrotada imediatamente após a morte do príncipe Heitor. Príamo conseguiu novos aliados, como o príncipe etíope Mêmnon e a rainha das Amazonas, Pentensileia.

A rainha das Amazonas matou muitos guerreiros gregos, mas acabou sendo morta por Aquiles que, ao ver seu rosto de perto, lamentou tê-la matado, tamanha sua beleza.

Pouco tempo depois, Aquiles conheceu Polixena, filha do rei Príamo, ficou encantado por ela e decidiu que poderiam casar e ele usaria toda sua influência com os gregos para conseguir a paz com Troia. Aquiles foi ao templo de Apolo negociar o casamento, mas não imaginava que Páris lançaria uma flecha envenenada, guiada por Apolo, que acertaria seu calcanhar, a única parte realmente vulnerável de seu corpo, pois sua mãe, Tétis teria mergulhado o filho, quando pequeno, no Rio Estinge, que o tornara invulnerável; no entanto, ela o segurara pelo calcanhar, a única parte do corpo que não teria ficado submersa.

Seu corpo foi recuperado por Odisseu e Ajax e a ninfa do mar e mãe de Aquiles, Tétis, sugeriu que os gregos entregassem a armadura do filho ao guerreiro sobrevivente que fosse mais digno de usá-la. A dúvida pairava entre a bravura de Ajax e a inteligência de Odisseu. Um grupo seleta de sábios se reuniu e decidiu pela inteligência. Ajax ficou inconformado com tal decisão e cometeu suicídio.

Ajax ficou inconformado com tal decisão e cometeu suicídio

Os sábios descobriram que somente conseguiriam tomar Troia se fosse com a ajuda das flechas (setas) de Hércules, que estavam com o seu guardião e amigo, Filoctetes. Filoctetes chegou a participar da Guerra, mas havia se ferido acidentalmente com uma das flechas envenenadas e foi deixado por seus companheiros na ilha de Lemnos. Diomedes foi em seu encalço e o convenceu a retornar assim que Machaon curasse sua ferida.

De volta à Guerra, a primeira vítima das flechas foi o príncipe Páris, que ao ser ferido, lembrou-se de uma pessoa que havia esquecido e deixado para trás em sua vida: a ninfa Enone,





com quem foi casado na época de pastor que trocara para fugir com Helena. Os troianos levaram Páris até Enone para que ela

Enone não suportou o peso de sua ação e se enforcou na primeira árvore que encontrou

o curasse da ferida, mas Enone nunca havia perdoado Páris e, assim, recusou-se a tratar-lhe o machucado. Pouco tempo depois a ninfa se arrependeu e correu atrás do homem que a trocara. Ao chegar em Troia era tarde demais e o príncipe havia morrido. Enone não suportou o peso de sua ação e se enforcou na primeira árvore que encontrou.

Enquanto os troianos tentavam salvar a vida do príncipe Páris, Odisseu e Diomedes aproveitaram a distração dos guerreiros e, disfarçados de camponeses, invadiram Troia e roubaram a estátua que possuíam da deusa Hera, pois os troianos acreditavam que a cidade não poderia ser invadida enquanto a estátua lá estivesse. Durante essa aventura Odisseu foi reconhecido por Helena, que optou por não desmascará-lo em frente a todos, mas, sim, ajudá-los a roubar a estátua. Com a morte de Páris, ela começou a ajudar os gregos secretamente. Após o roubo da estátua sua confiança foi abalada e eles não se sentiam mais tão seguros assim.

Foi então que a inteligência de Odisseu novamente se mostrou aliada aos gregos. O guerreiro sugeriu que eles levantassem acampamento e escondessem os navios atrás de uma ilha próxima, mas que deixassem no lugar de seu atual acampamento, um cavalo de madeira enorme recheado de guerreiros.

Ao ver que os gregos levantavam acampamento e finalmente iam embora, os troianos já comemoravam a vitória dentro dos muros da cidade. Quando o último navio grego deixou a linha do horizonte, Troia abriu os portões e toda sua população saiu para festejar correndo por aquelas terras em que não pisavam há dez anos devido à ocupação dos gregos. Ao ver o cavalo de madeira, alguns troianos ficaram com medo e outros se mostraram curiosos com o cavalo abandonado e queriam levá-lo para dentro da cidade como forma de troféu, marcando o fim da Guerra e a vitória de Troia por desistência do inimigo.

Laocoonte, sacerdote de Poseidon, manifestou-se contrário a levar o cavalo de madeira para dentro da cidade, dizendo que



os gregos conspiram e são muito astutos e; então, atirou uma lança no enorme cavalo que, ao ser atingido emitiu um grunhido. Neste momento, talvez os guerreiros tivessem destruído o cavalo se não fosse a aparição de um grupo de troianos com um prisioneiro grego sendo arrastado pelo campo.

O prisioneiro foi levado aos líderes de Troia, que garantiram que poupariam sua vida desde que respondesse todos os questionamentos que lhe fossem feitos. O homem se identificou como Sínon e disse que havia sido abandonado por Odisseu devido conflitos internos. Disse-lhes que o cavalo de madeira era uma oferta à deusa Hera e que seu tamanho descomunal era exatamente para impedir que fosse levado para dentro da cidade, pois o profeta Cauchas havia lhes dito que, se Troia se apoderasse do cavalo, teria em suas mãos o artefato de vitória sobre os gregos. Sínon mal acabava de falar e já estava claro nas feições dos troianos que eles pretendiam tomar posse do cavalo custasse o que fosse preciso.

Nesse momento, das profundezas do mar saíram duas gigantescas serpentes que se arrastaram em terra, causando uma confusão com pessoas correndo para todos os lados. As serpentes demonstraram um foco, ignorando todos que cruzavam seu caminho, e foram na direção de Laocoonte e seus dois filhos. A primeira serpente se enroscou nas crianças, para desespero do pai que não teve chance com a segunda enquanto tentava salvar seus filhos. Os três foram asfixiados pelas duas serpentes e levados para as profundezas do mar.

Os troianos acharam que o ocorrido teria sido uma represália dos deuses por Laocoonte ter atingido o cavalo, que agora era considerado um objeto sagrado, pela lança

A noite acabou em cantoria e bebedeira após os troianos guiarem o cavalo para dentro dos portões da cidade. Quando todos estavam dormindo tranquilamente após o primeiro dia

A primeira serpente se enroscou nas crianças, para desespero do pai que não teve chance com a segunda enquanto tentava salvar seus filhos. Os três foram asfixiados pelas duas serpentes e levados para as profundezas do mar.





de paz sem medo do ataque grego e regados a muita bebida alcoólica, Sínon libertou os guerreiros escondidos dentro do cavalo e os ajudou a abrir os portões para que os demais guerreiros escondidos fora de Troia pudessem adentrar a cidade. Juntos, incendiaram a cidade, mataram inúmeros guerreiros e a tomaram para si.

Juntos, incendiaram a cidade, mataram inúmeros guerreiros e a tomaram para si.

O rei Príamo, convencido pela esposa Hécuba, em vez de lutar, escondeu-se com ela e com as filhas no altar de Zeus. As portas do altar foram escancaradas pelo filho mais novo do casal, Polites, seguido pelo filho de Aquiles, Pirro, que

o matou em frente aos seus pais. Príamo tentou vingar a morte do filho mas também foi morto por Pirro. A rainha Hécuba e suas filhas foram levadas como prisioneiras para a Grécia.

Cassandra, a filha mais velha, foi amada por Apolo, que lhe deu o dom da profecia. Anos mais tarde, desgostado dela, Apolo determinou que ninguém acreditaria em suas profecias, tornando inútil, seu dom.

Polixena, a filha que Aquiles pretendia desposar, foi exigida pela alma do guerreiro e, portanto, sacrificada sobre seu túmulo.

Polixena, a filha que Aquiles pretendia desposar foi exigida pela alma do guerreiro e, portanto, sacrificada sobre seu túmulo.

Menelau finalmente se reencontrou com Helena, que apesar de tê-lo trocado por Páris quando do encontro com Afrodite, nunca deixara de amá-lo. Os dois pombinhos foram os primeiros a deixar Troia, rumo, sua terra natal. No entanto, enfrentaram muitas tempestades durante o

caminho e fizeram inúmeras paradas pelo Mediterrâneo, como Chipre, Egito e Fenícia.

Quando chegaram em Esparta reassumiram seu governo e ainda celebraram a união de sua filha Hermíone com o filho de Aquiles, Neoptolemus.

O comandante dos gregos e irmão de Menelau, Agamênon, não teve, contudo, nem um pouco de sorte ao regressar. Após dez anos afastado de casa enquanto lutava na Guerra de Troia, ele não teve fidelidade de sua esposa, Clitenebra, que ao saber



de seu regresso, juntamente com o apoio de seu amante, o mataou durante o banquete que comemoraria seu regresso. Pretendiam inclusive matar seu filho, Orestes, que apesar de criança poderia ser uma ameaça no futuro, mas sua irmã de Orestes, Eléctra o salvou e lhe enviou secretamente para viver com seu tio Estrófius, rei da Fócida. Orestes foi criado lado a lado com o príncipe com uma amizade que ecoava aos quatro cantos. Orestes cresceu recebendo lembretes de Eléctra de que deveria vingar a morte do pai deles. O órfão de pai consultou o oráculo de Delfos, reforçando assim, sua decisão.

Retornou à sua terra natal disfarçado e, enfim, assassinou sua mãe, e o amante, Egisto. O fato de um filho ter tirado a vida da própria mãe, mesmo naquelas circunstâncias, não agradou os antigos. Assim, as divindades da vingança, as Eumênides, se apossaram de Orestes e o levaram de terra em terra. Incansavelmente, seu amigo, o príncipe Pílades, o acompanhou, sempre garantindo sua segurança. Por fim os dois estrangeiros caíram nas mãos dos bárbaros de Táuris, que tinham o hábito de sacrificar quem fosse de fora de sua terra, e os levaram ao templo da sacerdotisa da deusa Ártemis para finalizar o processo de sacrifício. No entanto, como contamos no início da Guerra de Troia, a sacerdotisa eleita por Ártemis era Ifigênia, a virgem, também filha de Agamênon e, portanto, irmã de Orestes. Ao saber quem eram os dois que seriam sacrificados, Ifigênia se juntou a eles e fugiram para Atenas carregando uma imagem da deusa, buscando abrigo e proteção da deusa Atena.

Orestes, porém, não ia se safar tão facilmente do julgo dos antigos e foi levado a júri. Durante o júri houve um empate e o voto que decidiu por sua inocência, foi o da deusa Atena (equivalente a Minerva na mitologia romana. Assim, ficou-se conhecida a expressão Voto de Minerva sempre que há um empate e cabe a outrem a decisão).

Da queda de Troia podemos ver diversos elementos interessantes. Mas o mais famoso, definitivamente é o cavalo que originou a expressão “presente de grego”, que refere-se a quando ganhamos algo que não é útil, não queremos ou mesmo, que não faz sentido algum. Ou seja, algo que não é bom para nós. Tudo sempre motivado pela vingança, que é o sentimento mais marcante dessa história. Após incansáveis dez anos de batalhas



finalmente a Guerra teve um fim e não foi por meio da força apenas, mas sim, da inteligência de Odisseu. Uma pena vemos o suicídio de um grande guerreiro, Ajax, e mais uma vez, suicídio das mulheres que não souberam viver sem seus companheiros. A fragilidade atribuída à figura feminina na mitologia é constante. Como já citado, a falta de educação emocional sempre as leva a

A fragilidade atribuída à figura feminina na mitologia é constante.

sucumbir, o que era tido como honroso na época.

Vimos também a queda de Aquiles. Nem mesmo seu desejo

de paz foi suficiente para diminuir a ira dos troianos causada não só pela guerra, mas também pela forma que ele tratou o corpo de Heitor.

Troia sucumbiu. Seus homens foram mortos, suas mulheres foram feitas cativas e Menelau foi vitorioso. Logo saberemos o que ocorreu com Menelau e Helena.

A morte de Páris mostra que plantamos o que colhemos. A única pessoa que poderia salvar sua vida, foi exatamente a pessoa a quem ele abandonou e trocou por Helena, causando o morticínio todo. Não podemos nos dar ao luxo de usar as pessoas e descartá-las como se fossem objetos. Não vivemos sozinhos nesse mundo e devemos sempre respeitar o caminho escolhido por nós e pelos outros, honrando todos que tenham feito parte dele.

Menelau e Helena se reconciliaram e para nós, fica a

Não vivemos sozinhos nesse mundo e devemos sempre respeitar o caminho escolhido por nós e pelos outros, honrando todos que tenham feito parte dele.

sensação de que nada nunca aconteceu. Dez anos se passaram, muitas pessoas morreram, mas aparentemente, o amor deles não.

Agamênon definitivamente não teve sorte e ao regressar para os braços da esposa acabou descobrindo que em dez anos as pessoas podem realmente mudar.

Sua cúmplice virou sua algoz e lhe ceifou a vida desenvolvendo, à partir de então, uma nova história alimentada pela sede de vingança de seus filhos.

Odisseu é um reflexo de como a inteligência emocional, o auto controle frente às situações adversas podem ser uma linha



tênue entre os vencedores e os perdedores em determinada situação. Enquanto muitos se alimentaram da vingança, do ódio e de muita mesquinha, Odisseu teve um *insight* e se focou na estratégia para a vitória. Há uma frase do dramaturgo romancista irlandês George Bernard Shaw que particularmente gosto muito e se encaixa perfeitamente com a decisão de Odisseu para enfim conquistar Troia e colocar fim à guerra:

“As pessoas que vencem nesse mundo são as pessoas que procuram as circunstâncias de que precisam e, quando não as encontram, criam-nas.”

Odisseu é um reflexo de como a inteligência emocional, o auto controle frente às situações adversas podem ser uma linha tênue entre os vencedores e os perdedores em determinada situação



“As pessoas que vencem nesse mundo são as pessoas que procuram as circunstâncias de que precisam e, quando não as encontram, criam-nas.”
George Bernard Shaw





O RETORNO DE ODISSEU

Ao término da Guerra de Troia, o poema da *Odisseia* narra as aventuras de Odisseu durante seu retorno à terra natal em Ítaca.

Após partir de Troia, sua primeira parada foi na ilha de Ismarus, habitada pelos ciconianos que, em peleja com os guerreiros de Odisseu, trataram de eliminar alguns homens.

A terceira parada de Odisseu e seus guerreiros foi no País dos Ciclopes, gigantes de olho redondo que dominavam aquelas terras. Os gigantes se alimentavam do que a ilha produzia e eram pastores de ovelhas e carneiros. Dormiam em cavernas onde guardavam seu rebanho ao anoitecer.

Odisseu e seus companheiros aproximaram-se dessas terras com apenas um dos barcos. Dirigiram-se para uma das cavernas e carregaram consigo uma jarra de vinho como oferta de paz aos seus moradores. Como a caverna estava vazia, eles tiveram tempo para examiná-la e perceberam logo que ali vivia um pastor devido aos produtos encontrados, o excesso de leite e dos cabritinhos que ali permaneciam. Em instantes conheceram o gigante Polifemo, dono da gruta que chegou com seu rebanho e em seguida fechou a entrada da caverna com uma pedra enorme que jamais poderia ser removida por humanos comuns. O gigante questionou aos estrangeiros quem eles eram e de onde haviam vindo. Odisseu lhe explicou que eram gregos vindos da Guerra de Troia e lhe implorou por hospitalidade. Polifemo ignorou suas palavras, agarrou dois de seus homens e os esmagou contra a parede da caverna e em seguida, devorou-lhes a carne. Em seguida, deitou no chão da caverna e dormiu.

Novamente a inteligência de Odisseu se mostrou uma grande aliada de sua sobrevivência, pois seu instinto lhe dizia para matar o gigante enquanto dormia, mas então se questionava como faria para sair da caverna, já que não tinham forças para mover a pedra.

Ao despertar, Polifemo agarrou novamente de forma

Polifemo ignorou suas palavras, agarrou dois de seus homens e os esmagou contra a parede da caverna e em seguida, devorou-lhes a carne.



aleatória dois guerreiros gregos e assim saciou sua fome matinal. Em seguida, saiu da caverna com seu rebanho, mantendo cativos os guerreiros gregos. Odisseu tratou de planejar como salvaria a sua vida e a de seus companheiros. Utilizando material que encontraram na caverna, fizeram uma espécie de cajado, trabalhado na brasa e o esconderam sob a palha da caverna. À noitinha, quando Polifemo voltou, devorou mais dois homens do grupo de Odisseu. O líder então, ofereceu um pouco de vinho ao gigante que obviamente adorou e até repetiu a dose e, como forma de agradecimento prometeu a Odisseu que ele seria o último a ser devorado, perguntando-lhe seu nome. Odisseu lhe respondeu que seu nome era Ninguém. Com o auxílio do vinho, o gigante não tardou a adormecer, dando a oportunidade dos gregos prosseguirem com o plano de Odisseu. Agarraram o espeto que fizeram e atearam fogo em uma de suas extremidades e Odisseu, com a ajuda de mais quatro guerreiros, fincaram o espeto no olho do Ciclope que urrou tão alto que despertou os gigantes das cavernas vizinhas que correram para socorrê-lo questionando quem tinha feito aquilo com ele. O gigante respondeu-lhes que tinha sido Ninguém. Os demais gigantes disseram que se ninguém tinha feito isso com ele, certamente seria castigo dos deuses e que ele deveria então ser grato por ainda estar vivo e foram embora.

O cego Ciclope acordou cedo na manhã seguinte e colocou seu rebanho para fora, mas para tanto, permaneceu na porta da gruta examinando ovelha por ovelha, carneiro por carneiro, colocando a mão ao lado deles e em cima de cada um para ter certeza de que não havia nenhum grego no meio. Mas o gigante não examinou a barriga deles e, exatamente por isso não pôde constatar que os gregos estavam pendurados abaixo deles. Afastando-se da caverna, os gregos livraram-se dos animais, mas levaram boa parte do rebanho com eles para o navio.

Ao afastarem-se da costa, o guerreiro não se conteve e gritou bem alto que o nome de quem havia tirado a visão de Polifemo era Odisseu. O gigante inconformado agarrou uma pedra enorme e atirou na direção da voz que ouviu, mas não acertou o navio, causando apenas uma grande onda. Ao afastarem-se mais, Odisseu voltou a gritar somente para que o gigante soubesse que tinha errado o alvo.





A nova parada dos guerreiros gregos rumo à pátria foi na Ilha de Éolo, o deus dos ventos, cuja recepção aos guerreiros foi feita de forma mais hospitaleira. Odisseu lhe contou todas as suas aventuras durante dias. Quando chegou o momento de sua partida, o deus dos ventos presenteou-o com um saco de couro com fechadura de prata, contendo nele, ventos poderosos que poderiam tanto ser de muita ajuda como prejudiciais em sua jornada. Éolo deixou de fora o vento do Oeste, ordenando-lhe que ajudasse Odisseu na volta para casa. Odisseu passou nove dias à frente do leme do navio garantindo uma viagem tranquila a todos. Mas o cansaço tomou conta e ele finalmente adormeceu. Enquanto descansava, seus companheiros de viagem resolveram abrir o saco de couro, achando que poderia conter ouro e prata e que seria melhor se fosse dividido entre todos. Ao abrir o saco os ventos escaparam e os levaram de volta à ilha de Éolo.

O deus ficou indignado com a atitude dos guerreiros e, como castigo, tirou-lhes os ventos que os ajudariam a chegar mais rápido em casa, fazendo com que tivessem que remar com sua própria força para deixarem sua ilha.

Após dias em mar aberto, os gregos finalmente chegaram em terra firme, desta vez, em um porto muito bem construído, com aparência segura e bela. Os navios foram logo atracando no porto, mas Odisseu optou por ancorar longe, fora do porto. Logo que os habitantes daquela terra, a tribo bárbara dos Lestrigonianos, viram os navios no porto os atacaram e com enormes pedras conseguiram naufragar todos, com exceção do navio de Odisseu, que estava longe do porto. Os guerreiros nadavam tentando se salvar, mas os nativos não permitiram que nenhum guerreiro saísse dali. Com suas lanças mataram todos os guerreiros que tentavam nadar em direção ao navio de Odisseu ou mesmo à costa. Odisseu não viu outra saída senão, juntamente com os companheiros de seu navio, remar para longe dali, e assim escaparam dos bárbaros Lestrigonianos.

Novamente estavam em alto mar por dias e tiveram bastante tempo para pesar a morte de tantos companheiros e também de comemorar estarem ainda vivos e mais perto de casa.

Os guerreiros nadavam tentando se salvar, mas os nativos não permitiram que nenhum guerreiro saísse dali.





Chegando, então à Ilha Eana, habitada pela filha do Sol, Circe. Ao desembarcar, Odisseu avistou um palácio no meio da floresta e encaminhou metade de seus homens para descobrir sobre a hospitalidade do dono do palácio. Os homens foram liderados por Eurícolo, que ao chegar frente ao palácio se viu, cercado por animais diversos, como leões, tigres, lobos, ursos e até mesmo por porcos, mas nenhum se mostrou feroz. Todos eles haviam sido, um dia, homens que foram transformados em animais pela feiticeira dona do castelo, Circe. Eurícolo clamou pelo dono do castelo e a feiticeira enfim apareceu. Mostrou-se hospitaleira e convidou a todos para entrar e desfrutar de uma farta ceia e todos concordaram, menos o líder da equipe. Após a ceia, Circe tocou os guerreiros com sua varinha de condão e os transformou em porcos, conservando a mente humana e os encaminhou ao chiqueiro. Eurícolo, tendo assistido àquilo, correu de volta ao navio e contou tudo a Odisseu, que imediatamente decidiu correr para salvar seus companheiros.

No caminho o líder grego foi interceptado pelo deus Hermes, que tentou fazer com que desistisse de ajudar seus companheiros e o alertou sobre os perigos de enfrentar Circe. Mas Odisseu estava decidido a não perder mais seus homens nessa viagem e seguiu em frente com seu pensamento. Hermes então o presenteou com uma planta chamada Moli e disse-lhe o que devia fazer para não ser transformado em animal também.

Chegando no palácio, Odisseu também foi bem recebido e também pôde cear. Quando Circe tocou nele com a varinha, nada aconteceu e o guerreiro desembainhou sua espada e avançou sobre a feiticeira, que caiu no chão implorando por sua piedade.

Odisseu disse-lhe que lhe pouparia a vida se ela fizesse com que seus companheiros voltassem à sua forma normal. Circe

Quando Circe tocou nele com a varinha, nada aconteceu e o guerreiro desembainhou sua espada e avançou sobre a feiticeira que caiu no chão implorando por sua piedade.

não só fez isso como também permitiu que permanecessem em seu palácio e os recebeu de forma hospitaleira de verdade durante dias. Odisseu sentia até mesmo dificuldade em voltar ao navio e ter que abandonar essa vida boa regada a tantos prazeres que ela havia lhes proporcionado,



mas enfim, partiu com seus companheiros. Antes da partida, Circe alertou-os que passariam pela Ilha das Sereias e orientou Odisseu a passar cera no ouvido de seus companheiros e se amarrar ao leme do navio, de forma que ninguém poderia soltá-lo independente do que ele pedisse, pois o canto das sereias o levaria ao fundo do mar.

E foi exatamente o que fizeram. Seguindo as dicas de Circe, Odisseu e seus guerreiros puderam passar tranquilamente por mais esse perigo que os aguardava em sua viagem.

Circe havia advertido Odisseu sobre os perigos de passar pelo território dos monstros Sila e Caríbdis. O primeiro na verdade era uma linda moça que fora transformada por Circe em um monstro com seis cabeças de serpentes, conhecida por arrebatando os marinheiros dos navios que passassem por seu território. Já o segundo, costumava tragar os barcos para sua área e destruí-los. O grupo de Odisseu sobreviveu ao encontro, mas, perdeu seis de seus homens para Sila. Não os restou nada além de ouvir os gritos e saber que nada poderiam fazer.

Em seguida passaram por outra região sobre a qual Circe os havia alertado, a Ilha de Trináquio, onde ficavam o gado do Titã Hipérion. A única orientação recebida foi que não podiam tocar no gado do Titã se quisessem permanecer vivos. Odisseu então optou por não parar na ilha, mas seus comandados insistiram, se mostraram-se cansados e queriam pisar em terra firme. Portanto, Odisseu acabou cedendo após fazer seus guerreiros jurarem que não encostariam um dedo sequer no gado de Hipérion. Após uma mudança nos ventos da região, acabaram permanecendo na ilha por cerca de um mês. Para se manterem comiam frutas e caçavam peixes. Mas com o tempo ficou cada vez mais difícil conseguir alimentos, até que, em um momento de distração de Odisseu, alguns de seus comandados acabaram se afastando e matando alguns animais do rebanho e, esperando não serem punidos, separaram partes da carne em oferta aos deuses. Ao dar-se conta do que seus guerreiros estavam assando, Odisseu ficou furioso e também muito decepcionado com eles. Mas ninguém pôde comer os animais, pois, mesmo morta, sua carne se mexia entre os espetos para fora da fogueira.

Tendo percebido a mudança nos ventos, Odisseu ordenou que todos voltassem para o navio e saíram imediatamente da





ilha, deixando pra trás inclusive, alguns pertences. No entanto, o tempo começou a mudar, nuvens negras cobriram o céu, o mar se agitou com ondas enormes que invadiam o navio e

Mas ninguém pôde comer a carne dos animais pois, mesmo mortos, sua carne se mexia entre os espetos para fora da fogueira.

um raio atingiu o mastro que, ao cair, esmagou o piloto. Em poucos segundos o navio inteiro se despedaçou e naufragou. Os tripulantes sobreviventes ficaram à deriva enquanto Odisseu, mais uma vez usando sua inteligência, utilizou partes do navio para fazer uma espécie de jangada na qual se agarrou até chegar em terra firme.

A terra que Odisseu alcançou pertencia à ninfa do mar, Calipso, que o acolheu hospitaleiramente e o manteve por dias. Aliás, se dependesse dela, ele jamais sairia da ilha, pois Calipso-se apaixonou pelo bravo guerreiro. Mas por ordem de Zeus teve que deixá-lo partir. A ninfa o ajudou na construção de uma nova jangada e providenciou ventos favoráveis para seu caminho. Durante o percurso, contudo, uma forte tempestade o atingiu e uma nova ninfa do mar apareceu ao seu socorro e lhe presenteou com um cinto o faria boiar ao ter contato com a água do mar, garantindo sua permanência na superfície.

Enquanto foi possível o bravo guerreiro permaneceu na jangada. Quando ela naufragou, só lhe restou o cinto que guardou usa vida até chegar em terra firme novamente.

Odisseu não imaginava, mas estava vivo nas areias da Esquéria, país dos Feácios. Caído, desmaiado e sem roupas, acabou sendo encontrado pela princesa, que estava prestes a casar, mas naquele momento queria que os deuses a tivessem presenteado com um noivo dotado de tanta beleza. A princesa e seus súditos o ajudaram. Odisseu relatou sua história ao rei e à rainha, que se comoveram e, ao saber de sua luta em Troia o admiraram. Odisseu foi presenteado com inúmeros itens de valor, pois o povo feácio se emocionou com sua história, se identificou e se sentiu honrado em tê-lo entre eles. Odisseu permaneceu alguns dias na terra amigável e com muita gratidão aceitou todos os presentes e a embarcação que o levaria de volta à sua terra.

Odisseu estava dormindo quando os tripulantes avistaram





Ítaca e preferiram não acordá-lo, levando-o até terra firme e lá colocando-o juntamente com seus presentes. Assim, partiram.

Ao acordar, Odisseu ficou surpreso e já não reconhecia nada, afinal, havia partido há vinte anos. A deusa Atena então, se disfarçou como um jovem pastor e lhe explicou tudo o que aconteceu em sua terra durante

essas duas décadas. Contou detalhadamente a história de Penélope e como ela recebia constantes propostas de casamento e como ela lutava arduamente para permanecer à espera de seu esposo. Atena reuniu Odisseu com seu filho, agora crescido, Telêmaco, em um encontro emocionante e, juntos mataram todos os pretendentes que haviam dominado o castelo e finalmente se reuniu com sua esposa, Penélope.

O longo retorno de Odisseu cujo retrato feito por meio da *Odisseia* virou inclusive uma força de expressão para situações demoradas ou demasiadamente difíceis de serem cumpridas.

A luta e determinação do guerreiro grego são admiráveis, sempre mantendo-se fiel aos seus princípios e ainda protegendo enquanto podia, sua tripulação.

O diferencial do guerreiro Odisseu, definitivamente tratava-se de sua inteligência. Ele conseguia permanecer calmo e ser bastante assertivo quanto a suas decisões. Ele seguia orientações quando preciso, tinha bastante coragem e senso de justiça. Sua garra em retornar para o comando de suas terras e para o encontro de sua esposa e de seu filho o movia.

Com certeza seríamos mais realizados se tivéssemos um pouco de Odisseu em cada um de nós. Muitas pessoas tendem a desistir de suas aspirações frente aos desafios que a vida impõe. Odisseu não só não desistiu, como também nunca se focou no desafio, no problema, mas sim na solução para passar por aquela situação e continuar em seu caminho. Fez isso durante os dez anos em Troia e novamente quando liderava sua equipe no retorno à sua terra.

Para cada desafio imposto, Odisseu vinha com uma solução diferente. Em momento algum ele criou um método, um manual

Caído, desmaiado e sem roupas acabou sendo encontrado pela princesa que estava prestes a casar, mas naquele momento quisera que os deuses a tivessem presenteado com um noivo dotado de tanta beleza.



para seguir a vida. Afinal de contas, a vida é imprevisível e foi exatamente encarando-a desse jeito que ele conseguia pensar em soluções rápidas e assertivas frente aos problemas vividos.

Hoje em dia temos muito mais contatos com histórias e nossa criatividade pode ser aliada às experiências vividas por outras

Muitas pessoas tendem a desistir de suas aspirações frente aos desafios que a vida impõe.

pessoas e assim decidirmos nossos caminhos. A leitura, o cinema, a internet, o bom e velho bate-papo, são formas de trocarmos experiências e aprendermos a

seguir em frente e termos força para não “abandonarmos o barco da vida” e continuarmos em frente.

Segundo o doutor Kenneth Blanchard, juntamente com Spencer Johnson, autores do livro *Gerente Minuto*: “Nós não somos apenas nosso comportamento, somos, também, a pessoa que administra nosso comportamento”.

Portanto, somos responsáveis por nossas ações e, o que fizemos, não nos define. Devemos sempre nos desenvolver e continuar crescendo, evoluindo e nos realizando.

Conforme citado anteriormente, um diferencial de Odisseu era sua inteligência, certo? Chegou o momento de explicar que a inteligência possui diversos aspectos e que a natureza da inteligência causa muito furor no mundo acadêmico. Em nossa vida prática, real, a inteligência não está necessariamente ligada ao nosso QI (Quociente de Inteligência), mas, sim, a outros fatores, como a habilidade de comunicação, que inclusive pode ser aperfeiçoada de maneira simples e com um pouco de esforço; a habilidade de persuadir, e, não menos importante, a criatividade. A agilidade de raciocínio faz com que pessoas se destaquem e alcancem bons resultados.

Um outro fator que se destacou nos guerreiros gregos, mais precisamente em Odisseu, foi sua segurança intuitiva. Hoje

Um outro fator que se destacou nos guerreiros gregos, mais precisamente em Odisseu, foi sua segurança intuitiva.

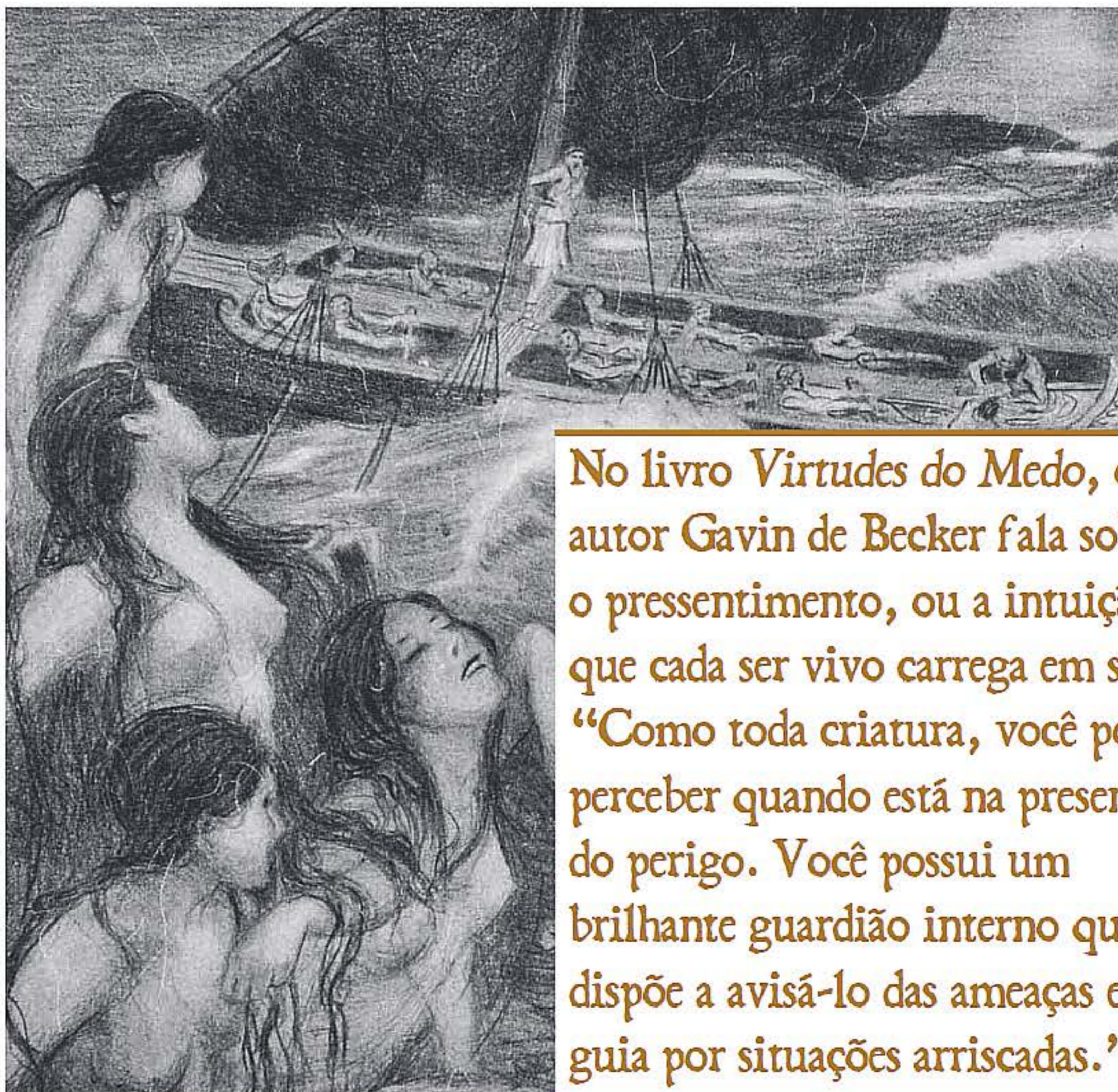
em dia, com tanta tecnologia tendemos a nos sentir falsamente protegidos. Digo falsamente por que na verdade temos uma falsa sensação de segurança devido a tantos aparelhos, como câmeras de segurança ou portões elétricos,



cercas e muros altos. Na verdade, o melhor dom que recebemos foi a nossa intuição. O problema está exatamente em subestimarmos nossos pressentimentos ou mesmo termos medo de parecer idiotas ao agirmos conforme nosso instinto em uma situação específica, principalmente quando estamos em público. No livro *Virtudes do Medo*, o autor Gavin de Becker fala sobre o pressentimento, ou a intuição que cada ser vivo carrega em si:

“Como toda criatura, você pode perceber quando está na presença do perigo. Você possui um brilhante guardião interno que se dispõe a avisá-lo das ameaças e o guia por situações arriscadas.”

Portanto, desenvolver melhor nossa intuição e, principalmente, aprender a confiar nela, pode ser um diferencial ao nosso favor quando em situações do cotidiano e de fora dele.



No livro *Virtudes do Medo*, o autor Gavin de Becker fala sobre o pressentimento, ou a intuição que cada ser vivo carrega em si: “Como toda criatura, você pode perceber quando está na presença do perigo. Você possui um brilhante guardião interno que se dispõe a avisá-lo das ameaças e o guia por situações arriscadas.”



ΑΕ



AJAX MENOR E A JUSTIÇA DOS DEUSES

Ajax Menor (o pequeno) era assim conhecido como forma de diferenciá-lo de Ajax I, ou Ajax, o Grande. Ele foi um dos guerreiros que, escondidos dentro do Cavalo de Troia, adentraram na cidade e junto com os demais, matou o rei Príamo.

Ao passar pelo templo dedicado à deusa Atena, Ajax Menor percebeu que a princesa Casandra se escondia debaixo do altar e, tomado por sua beleza e mesmo após suas súplicas, violentou-a, provocando imediatamente a ira de Atena.

O deus Poseidon, a pedido de Atena, causou uma enorme onda durante o regresso dos navios e provocou o naufrágio do navio de Ajax Menor. No entanto, o guerreiro sobreviveu

Ajax Menor percebeu que a princesa Casandra se escondia debaixo do altar e, tomado por sua beleza e mesmo após suas súplicas, violentou-a, provocando imediatamente a ira de Atena.



ao naufrágio e, ao descobrir ao fim da tempestade que aquilo havia sido causado por Poseidon como represália pelo que havia feito, Ajax Menor proferiu palavras ofensivas ao deus do mar e se vangloriou por ter sobrevivido à sua ira.

No instante em que o guerreiro parou de falar seus improperios, um tridente dourado emergiu das águas, atingindo-o em cheio. Seu corpo imediatamente se transformou em pedra e permaneceu em local de destaque em meio às águas do Mar Egeu como um lembrete de Poseidon que aquele que não aprende com os próprios erros jamais escapará da justiça dos deuses.

Estou certo de que conhecemos muitas pessoas que parecem teimar em não aprender com seus erros. Ajax Menor escapou da justiça de Poseidon e Atena, sobrevivendo ao naufrágio, mas, como isso não bastasse, estando tão longe de demonstrar humildade e reconhecer seu castigo, o guerreiro que antes havia demonstrado coragem ao participar da Guerra de Troia demonstrou covardia ao violentar a princesa Cassandra e novamente covardia por literalmente não ter a coragem de admitir seus erros; desta vez foi punido com o tridente impiedoso do deus Poseidon, servindo de lembrete a todos os demais navegantes.

Quando realmente aprendermos com nossos erros, poderemos enfim, tentar corrigi-los, repará-los e não há nada de vergonhoso nisso

Aprender com nossos erros e com os erros das outras pessoas é uma forma não apenas de viver, mas de demonstrar evolução, aprendizado e amadurecimento no caminho trilhado nessa vida. Quando realmente aprendermos com

nossos erros, poderemos enfim, tentar corrigi-los, repará-los e não há nada de vergonhoso nisso. Muito pelo contrário; segundo o Confucionismo, sistema filosófico chinês que segue os ensinamentos do filósofo Confúcio, “experimentar a humildade é se aproximar da coragem”.









O MINOTAURO

Conta a lenda que o rei Minos, antes de se tornar rei de Creta, fez uma falsa profecia na região, dizendo que um touro branco sairia do mar e que quando essa profecia se cumprisse ele deveria ser rei. Para garantir que sua previsão ocorresse, Minos procurou Poseidon e o convenceu a ajudá-lo. O deus do mar impôs apenas uma condição: que Minos sacrificasse o touro e o oferecesse de volta ao mar.

A “profecia” se cumpriu. Um belíssimo e imponente touro branco surgiu do mar em direção à cidade e, assim, Minos conseguiu seu reinado. No entanto, Minos ficou encantado com a beleza e imponência do touro e preferiu escondê-lo em seu reino para tê-lo como procriador e sacrificou e ofereceu um outro touro qualquer a Poseidon.

O deus do mar ficou enfurecido com a audácia do mortal. Lançou um encanto na esposa de Mino, Pasífae, fazendo com que se apaixonasse pelo touro branco.

A rainha não somente se apaixonou pelo touro, como manteve relacionamento sexual com o animal e engravidou. Dessa relação nasceu um ser com cabeça e cauda de touro, mas no corpo de homem, chamado Minotauro (touro de Minos). O rei ficou extremamente envergonhado com a situação e mandou chamar o inteligentíssimo Dédalos, conhecido por suas façanhas na região. Ordenou que Dédalos construísse um labirinto gigante para abrigar a besta recém nascida.

Os anos se passaram e, após vencer uma guerra contra os atenienses (que mataram Androceu, filho de Minos), o rei de Creta ordenou que todo ano, sete atenienses fossem colocados dentro do labirinto do Minotauro para enfrentá-lo.

Após três anos consecutivos de sacrifícios, o herói grego, Teseu ofereceu-se para ir à ilha de Creta e matar o Minotauro e, assim, pôr fim a essa prática terrível.

A rainha não somente se apaixonou pelo touro, como manteve relacionamento sexual com o animal e engravidou.





Pouco tempo após chegar à ilha, Teseu conheceu Ariadne, filha de Minos, que se apaixonou perdidamente pelo jovem rapaz e decidiu ajudá-lo. Ariadne o presenteou com um novelo de lã que ele deveria esticar a partir do momento que adentrasse o labirinto e, assim, conseguisse sair de lá. Também, presenteou o jovem com uma espada mágica.

Dentro do labirinto, o herói grego esticou o novelo e percorreu seus corredores. Teseu encontrava restos de ossada humana conforme avançava seu caminho e, quando percebeu que a besta se aproximava, escondeu-se entre as paredes do labirinto e surpreendeu a criatura ao cravar sua espada mágica em seu corpo humano. O Minotauro urrou alto e caiu sem vida no chão daquele lugar que ele conhecia como único lar. Teseu conseguiu resgatar alguns atenienses com vida e assim deixaram o labirinto, utilizando como guia, o novelo dado por Ariadne.

O Minotauro urrou alto e caiu sem vida no chão daquele lugar que ele conhecia como único lar.

O mito do Minotauro foi muitas vezes contado na Grécia Antiga, pois refletia a importância de obedecer aos deuses e não desafiá-los.





O rei Minos foi um exemplo da fúria dos deuses e de como devemos cumprir nossos acordos.

A situação do nascimento da criatura mitológica, sendo filho de um touro com uma mulher, faz tudo ainda mais bizarro, mas o contexto de exclusão e banimento para o labirinto como forma de Minos poder afastar a criatura que era um reflexo da vergonha que ele passara faz sentido.

Mas a história não conta o que aconteceu com a rainha. Há uma curiosidade no mito: Minotauro, na verdade, recebeu um nome humano, Astério, em homenagem ao pai adotivo de Minos, já falecido, porque o pai biológico de Minos seria Zeus, em mais um de seus casos fora da relação com a deusa Hera.

O mito do Minotauro foi muitas vezes contado na Grécia antiga pois refletia a importância de obedecer aos deuses e não desafiá-los.







O CRESCIMENTO E A EDUCAÇÃO DO GUERREIRO AQUILES

Aquiles, como já vimos, era filho de Peleu com a ninfa do mar, Tétis. Logo após seu nascimento, Peleu garantiu que a educação de Aquiles fosse providenciada pelo centauro, Kiron. O educador tratou dele muito bem, garantindo contato e respeito pela natureza, assim como, uma alimentação rústica, à base de mel de abelhas e medula de ursos e javalis. Com Kiron, o jovem Aquiles aprendeu a caçar, a adestrar cavalos, a encantar-se com as músicas e até mesmo a praticar medicina, mas seu maior aprendizado foi praticar a virtude.

Ainda criança, Aquiles foi protagonista de uma adivinhação de Calchas que declarou que o jovem seria fundamental para a tomada de Troia. Aquiles cresceu, se tornou um jovem belo, forte e doce. No entanto, sua doçura podia ser substituída por agressividade como num passe de mágica. Por isso, seu pai o encaminhou para os ensinamentos do sábio Fénix, que o introduziu na arte da guerra e da oratória, onde Aquiles ficou muito amigo de outro aluno, Pátroclo, filho do rei Menécio, de Lócrida.

Como já sabemos, visando a segurança do filho, a superprotetora Tétis, não queria saber do rumo da guerra, queria apenas seu filho a salvo, e o vestiu como uma mulher e o escondeu na corte do rei Licomedes junto às filhas virgens do rei, como o nome falso de Pirra.

Como os guerreiros não o localizavam, em certo momento, o adivinho contou a Odisseu o que Aquiles estava fazendo e, para acabar com seu disfarce, Odisseu compareceu à corte disfarçado de mercador e expôs perante os olhos das princesas lindos tecidos e joias. Enquanto as verdadeiras princesas se maravilhavam com os belos adornos, a falsa Pirra se maravilhou com um escudo e uma lança que Odisseu apresentou também, revelando assim, o disfarce de Aquiles. O jovem então foi recrutado e direcionado para Troia.

Mas antes disso tudo acontecer, Aquiles havia engravidado uma das filhas de Licomedes, Deidamia. Entretanto, o filho somente nasceu após sua partida, recebendo o nome de Neoptólemo,





mas ficou realmente conhecido como Pirro, em homenagem ao disfarce de seu pai.

Tétis encheu o filho de recomendações, assim como, fez com que Pátroclo promettesse cuidar sempre de seu amigo.

O restante da história nós já conhecemos.

Essa época da vida de Aquiles demonstra claramente o relacionamento que ele desenvolveu com seus pais e como

Essa época da vida de Aquiles demonstra claramente o relacionamento que ele desenvolveu com seus pais e como sua família foi a base para que se tornasse o herói grego tão retratado em inúmeras histórias.

sua família foi a base para que se tornasse o herói grego tão retratado em inúmeras histórias.

Aquiles recebeu uma excelente educação, o que moldou seu caráter e construir sua identidade. É por meio do contato com a família e amigos mais próximos que nossa estrutura psíquica é

construída. As crianças não nascem com senso de convívio social e respeito ao próximo. É por meio da educação dada por seus progenitores que essa condição estará presente em sua realidade.

Cabe sim aos pais garantirem disciplina e limites a seus filhos. Quando ainda crianças, os pais tendem a ter plenos poderes sobre seus filhos, mas conforme eles crescem a situação pode mudar e os conflitos se iniciam. Conforme os filhos crescem, eles começam a enxergar os defeitos dos pais e a desenvolver um olhar mais crítico sobre eles. Muitos pais enfrentam dificuldades em aceitar essa realidade e encaram como afronta e com decepção. Mas a vida é feita de ciclos e assim, quando os filhos crescem, os pais, naturalmente, envelhecem.

Conforme os filhos crescem eles começam a enxergar os defeitos dos pais e a desenvolver um olhar mais crítico sobre eles.

Muitos dos conflitos entre pais e filhos, principalmente na fase da adolescência, é ocasionado pelo excesso de proteção sobre eles. Os pais têm um grande medo de ver seus filhos se machucarem e acabam esquecendo que somente



se aprender a viver vivendo.

Estar próximo, atento e sempre disposto a ajudar é muito diferente de impedir seus filhos de viverem suas vidas. As experiências da vida são únicas e o aprendizado é absorvido de

forma diferente por cada indivíduo. Devemos sempre respeitar nossas diferenças e mesmos os conflitos devem se basear em respeito mútuo. A escuta deve ser bastante ativa, permitindo a expressão de sentimentos e buscando melhor entendimento do ponto de vista de cada uma das partes.

Quando os filhos se sentem seguros e apoiados por seus pais, a comunicação tende a ser facilitada e fluir naturalmente de forma mais segura e verdadeira.

Conforme foi claramente abordado pelos autores de *O Livro da Psicologia*, a psicóloga americana Virgínia Satir dizia que a “A família é a ‘fábrica’ onde as pessoas são feitas”.

Segundo eles, na visão de Satir, personalidades “encenadas” entram em ação no lugar das personalidades autênticas quando os membros de um grupo familiar não se sentem mais confortáveis em expressar afeição e emoções de forma aberta.

Satir classificou cinco papéis que são mais comuns de serem “encenados” no núcleo familiar, principalmente em momentos de estresse:

“São eles: aquele que sempre encontra uma falha e critica (‘o acusador’); o intelectual distante (‘o computador’); o que faz alvoroço para desviar o foco de questões emocionais (‘o distraidor’); o que sempre pede desculpas e deseja agradar a todos (‘o apaziguador’); e o que se comunica de maneira honesta, direta e aberta (‘o nivelador’)”.

A base do trabalho de Satir está em seu entender de que o amor e aceitação são a maneira mais eficiente e segura de curar as disfunções de relacionamento nos núcleos familiares.

Os pais têm um grande medo de ver seus filhos se machucarem e acabam esquecendo que somente se aprender a viver vivendo.







ÍCARO – ASAS PELA LIBERDADE

A história de Ícaro começa exatamente ao fim da história do Minotauro. Ícaro era filho de Dédalos, o responsável pela construção do labirinto que abrigava a besta e, após o Minotauro ter sido derrotado por Teseu, o rei Minos julgou que a culpa dele ter conseguido sair do labirinto era de Dédalos, fazendo dele um traidor de Creta e, prendeu-o, juntamente com seu filho Ícaro, para morrer dentro do labirinto.

Meses haviam se passado quando Dédalo conseguiu pensar em uma solução para deixarem o labirinto enquanto olhava para o céu, prática essa que era comum entre pai e filho. Dédalo sempre tinha boas ideias quando ficava quieto refletindo sobre as coisas. O pai começou a correr que nem louco pelo labirinto sem ao menos explicar ao filho o que estava ocorrendo. Ícaro já havia aprendido a não questionar o pai quando o via agindo assim, então optou por permanecer quieto, apenas observando.

Dédalo enfim solicitou ao filho que juntasse suas ferramentas e fosse encontrá-lo no final daquele corredor. Quando Ícaro chegou com as ferramentas, o pai já havia separado alguns pedaços de madeira e depenava algumas aves que tinham matado anteriormente, já que, Dédalo era um excelente caçador.

Ícaro finalmente entendeu a ideia do pai e ficou bastante empolgado com a chance de finalmente deixar aquela prisão. Utilizando mel de abelhas e as penas das aves, Dédalo, com a ajuda de seu filho, construiu asas enormes. Um par para cada um deles.

Dédalo alertou o filho que eles sairiam de lá voando, batendo as asas e que ele não deveria em hipótese alguma planar muito perto do mar, para a humidade não pesar as asas e tampouco muito perto do Sol, para que o calor não derretesse a cera das abelhas que grudavam as penas.

Tiraram inclusive suas próprias roupas e, completamente despídos, deram continuidade ao plano.

Os dois finalmente conseguiram... após um longo bater de asas estavam voando, voando para longe daquele labirinto maldito.





Dédalo recomendou que não levassem nada de lá, para que estivessem o mais leve possível. Tiraram inclusive suas próprias roupas e, completamente despidos, deram continuidade ao plano.

Os dois finalmente conseguiram... após um longo bater de asas estavam voando, voando para longe daquele labirinto maldito. Os jovens mortais conseguiam sentir o vento em seus

A sensação de liberdade tomou conta de Ícaro, que de forma displicente desobedeceu as recomendações de seu pai e tratou de voar sobre as nuvens.

rostos e admirar as terras e o mar do alto, no céu, era impagável. A sensação de liberdade tomou conta de Ícaro, que de forma displicente desobedeceu as recomendações de seu pai e tratou de voar sobre as nuvens. A previsão de Dédalo se cumpriu:

o calor do raios solares começou a derreter a cera das abelhas e as penas começaram a se desfazer. Logo Ícaro não tinha mais nada que o sustentasse no céu e despencou do alto das nuvens.

Dédalo gritava inconformado com a cena, mas nada podia fazer. Viu o corpo de seu filho ser engolido pelas profundezas do mar Egeu enquanto ele apenas podia continuar voando em direção à costa. Dédalo foi acolhido na Sicília, nos domínios do rei Cócalo, que o ajudou na busca de seu filho.

O corpo de Ícaro foi localizado em uma ilha, onde seu pai o enterrou. A ilha foi batizada de Ícara em sua homenagem.

Dédalos permaneceu muitos anos na Sicília trabalhando para o rei Cócalo, até que um dia o rei Minos descobriu que ele se refugiara lá e ordenou que o rei Cócalo o entregasse. O rei da Sicília, muito esperto, convidou Minos para hospedar-se em seu palácio, quando ele foi tomar banho, o rei providenciou que ele morresse queimado em água fervente, e posteriormente devolveu seu corpo a Creta, dizendo que o rei havia se afogado. Os cretenses acreditaram na história e enterraram seu rei ali mesmo na Sicília e lá ficou, até anos mais tarde, quando a cidade de Acragas foi fundada e o tirano que a dominava, Terone, devolveu os ossos a Creta.

O conto de Ícaro reflete como os adolescentes podem deixar-se levar pelas emoções e desobedecer as orientações de seus pais. Ícaro sempre foi um bom garoto, bem próximo do pai, ajudando-o em suas obras, como fez com o labirinto de Minos e



posteriormente com as asas que lhes dariam a liberdade. Mas ele deixou que as emoções falassem mais alto e, sem se preocupar com as consequências de seus atos, encontrou a própria morte.

Dédalos continuou fiel ao seu filho até o fim, localizando

seu corpo e dando-lhe um enterro digno. Quanto a Minos, este encontrou o que merecia, afinal de contas, sabemos que nem mesmo o reinado dele foi conquistado com honra, e sim, com mentiras e assassinatos.

Mas ele deixou que as emoções falassem mais alto e, sem se preocupar com as consequências de seus atos, encontrou a própria morte.







ATENA E ARACNE, A MELHOR ARTESÃ

N Na cidade de Colofon, havia uma jovem moça de nome Aracne, filha de um tintureiro local. Desde pequena Aracne gostava de tecer e, conforme crescia e amadurecia, assim fazia sua arte. Aos poucos todas as mulheres da cidade começaram a admirar seu trabalho e contratar seus serviços.

Mas esse destaque obtido por Aracne incomodou a deusa Atena, cujos ouvidos tomaram ciência de que algumas mulheres julgavam sua habilidade de tecer inferior à habilidade de Aracne.

Certo dia, Atena desafiou a jovem artesã para um duelo em que ambas teriam o mesmo tempo para bordar a peça mais linda que pudessem. As duas trabalharam arduamente com muita precisão e agilidade.

Ao terminarem, a deusa admirou a beleza da arte de Aracne, mas ficou extremamente incomodada com o fato de Aracne ter ousado ilustrar em sua tapeçaria os casos amorosos de Zeus, seu pai.

Atena então transformou Aracne em uma enorme aranha como castigo. Assim ela passaria o resto de sua vida sendo condenada a tecer.

Poucos instantes após ter adquirido a forma de uma aranha, Aracne, agora com mais braços, começou imediatamente a tecer e de forma ainda mais rápida, criando um belo manto de seda, admirado por todas as mulheres presentes.

Quando esquecemos da questão principal que está sendo abordada e começamos a prestar atenção a detalhes sem importância, agimos assim e obtemos a receita para um desastre. Atena focou-se na vergonha em ver os casos extraconjugais de seu pai estampados naquela bela tapeçaria e tratou de punir sua rival.

Aracne, por outro lado, não se abateu e tratou de mostrar não só para Atena, como para todas as mulheres lá presentes, que ela continuaria tecendo e agora, muito melhor e mais rápido do que antes; ou seja, utilizou as adversidades a seu favor e não se fez de vítima ou mesmo ficou reclamando do que tinha acontecido. Seguiu em frente com sua nova condição com mais confiança e agora, tecendo um novo caminho para seu futuro.







HÉRCULES ENFRENTA APORIA

Em uma de suas longas viagens, o guerreiro heroico Hércules encontrou em seu caminho, tentando obstruir uma estreita passagem, um pequeno ser, chamado Aporia.

Ela se manteve em seu caminho, deixando claro que ele não passaria. Como ela era tão pequena, o herói grego tentou esmagá-la com seus pés. Mas ela desviou e aumentou de tamanho. Aliás, cada vez que ele tentava pisar nela, seu tamanho dobrava. Chegou ao ponto de Aporia crescer tanto, que realmente obstruiu a passagem.

Hércules pediu ajuda à deusa Atena, que prontamente lhe explicou o que estava ocorrendo. Atena disse-lhe que Aporia era um daimon da dificuldade, ou seja, uma divindade que estava em seu caminho com o propósito único de atrapalhá-lo e que se ele a deixasse de lado e apenas seguisse seu caminho sem dar-lhe atenção, ela naturalmente diminuiria de tamanho, pois sendo a dificuldade, seu único propósito era impedir-lhe de prosseguir em sua jornada.

Portanto, o mito de Aporia trata-se de conhecer suas dificuldades para vencê-las. Hércules poderia apenas ter desviado dela e seguido seu caminho normalmente, mas ao parar para enfrentá-la, sem o conhecido de sua representatividade, deixou de seguir em frente, ficou estagnado aonde estava tentando resolver um problema que na verdade, inicialmente nem mesmo era um problema, passando a ser graças a ele mesmo..

Muitas vezes, ao nos depararmos com problemas em nosso caminho e por não nos focarmos em conhecê-lo para resolvê-lo de uma vez, acabamos regredindo, desanimando e muitas vezes permitindo que o problema cresça e dê lugar para a depressão tomar conta de nossa vida.

A capacidade de resolução de um problema está intimamente ligada ao quanto conhecemos esse problema. Ou seja, nossa percepção e nosso desenvolvimento frente a ele são fundamentais para seguirmos em frente, sem ele, de uma vez por todas.

Quando procuramos apoio em psicólogos, não podemos esperar que eles sejam os resolvidores dos problemas que encontramos, mas sim, profissionais capacitados que nos ajudarão a descobrir como e o quê devemos fazer para finalmente seguir em frente após solucionarmos o problema que, muitas vezes, fomos nós mesmos que criamos.







HEBE, A DEUSA DA JUVENTUDE

Os deuses viviam em um belo e imponente palácio no Monte Olimpo, acima das nuvens e era lá que eles se deleitavam com o chamado “Manjar dos Deuses”, a Ambrosia, vetada aos mortais e aproveitada por todas as divindades.

A Ambrosia era servida aos deuses por Hebe, a deusa da juventude, filha de Zeus e Hera. Certo dia, porém, Hebe se desequilibrou e derrubou sua bandeja cheia de Ambrosia sobre alguns deuses e foi destituída do cargo, dando lugar a Ganimedes.

Ganimedes havia sido considerado o mais belo dos mortais que certa vez, enquanto cuidava do gado, foi transformado em águia e levado ao Monte Olimpo por Zeus. Além de servir aos deuses, o jovem belo Ganimedes servia água potável aos mortais, sendo considerado o zelador dela e, por sempre ser associado a provê-la, passou a ser retratado como uma ânfora. Com o tempo, ele passou a ser visto como o deus do amor homossexual e transgressor natural, por romper com a lógica da procriação das espécies. Passou inclusive a representar o amor entre diferentes idades, ou seja, entre os mais novos e os mais velhos.

A juventude de Hebe lhe rendeu um lugar dançando entre as Musas do Olimpo ao som da lira do belíssimo deus Apolo.

Após sua morte, Hércules foi imortalizado e aceito entre os deuses. Como redenção por tê-

lo perseguido durante toda sua vida mortal, Hera ofereceu-lhe a mão de Hebe, com quem Hércules se uniu e teve dois lindos filhos, Alexiars e Anicetus, os gêmeos cujos nomes significam “Aquele que afasta a guerra” e “O Invencível”, respectivamente. Os gêmeos, por serem filhos da deusa da eterna juventude, permaneceram eternamente crianças.

O termo “juventude” vem da deusa Hebe, que em romano se chama “Juventa”. Mas sabemos que nos dias atuais a juventude é vista por um prisma mais complexo do que apenas a beleza e

Com o tempo, ele passou a ser visto como o deus do amor homossexual e transgressor natural, por romper com a lógica da procriação das espécies.





frescos externos, mas sim, pelo frescor de vida e beleza. Pessoas de idades mais avançadas podem ser consideradas muito mais jovens do que adolescentes de quinze ou dezesseis anos, por exemplo. Hoje em dia podemos ver à nossa volta muitas pessoas que fazem parte da terceira idade, ou “melhor idade”, como ficou conhecida, acordando bem cedo, não mais para trabalhar, mas sim para se exercitar, muitas vezes em grupos propriamente montados para esse fim. A juventude está dentro de cada um de nós.

Esse mito envolvendo Hebe e Ganimedes é associado diretamente e constantemente à constelação de Aquário devido sua

**A juventude está dentro
de cada um de nós.**

atualização, renovação e inovação, características fortemente marcadas às pessoas desse signo.



MITOLOGIA

e Autoconhecimento

O significado dos arquétipos

“A Mitologia teve como uma de suas principais funções servir como meio de comunicação e ferramenta de quebra de tabus sociais. Através de seus contos, diversos assuntos delicados sobre o desenvolvimento humano foram tratados, assim como, a psiquê humana. Mitologia e Autoconhecimento busca aprofundar o caminho rumo ao autoconhecimento por meio de reflexões acerca de histórias tão conhecidas do público em geral e mostrar como aprender mais sobre nós mesmos por meio de uma cultura tão rica pode ser um caminho precioso para a evolução.”



Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!